

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS “POETA TORQUATO NETO”
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

SARAH ROBERTA SANTANA DE LAVOR

**A GEOGRAFIA CULTURAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DO CAMPUS “POETA TORQUATO NETO” DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI), TERESINA, PIAUÍ.**

Teresina (PI)

2025

SARAH ROBERTA SANTANA DE LAVOR

**A GEOGRAFIA CULTURAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DO CAMPUS “POETA TORQUATO NETO” DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI), TERESINA, PIAUÍ.**

Monografia exigida como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, sob a orientação da Prof.^a Dra. Elisabeth Mary de Carvalho Baptista.

Teresina (PI)
2025

L414g Lavor, Sarah Roberta Santana de.

A geografia cultural no curso de licenciatura plena em
geografia do campus "Poeta Torquato Neto" da Universidade Estadual
do Piauí (UESPI), Teresina, Piauí / Sarah Roberta Santana de
Lavor. - 2025.

63f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí -
UESPI, Licenciatura em Geografia, Teresina - PI, 2025.
"Orientador: Profª. Drª. Elisabeth Mary de Carvalho Baptista".

1. Geografia Cultural. 2. Licenciatura em Geografia. 3.
Disciplina. I. Baptista, Elisabeth Mary de Carvalho . II. Título.

CDD 910

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
GRASIELLY MUNIZ OLIVEIRA (Bibliotecário) CRB-3^a/1067

SARAH ROBERTA SANTANA DE LAVOR

**A GEOGRAFIA CULTURAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DO CAMPUS “POETA TORQUATO NETO” DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI), TERESINA, PIAUÍ.**

Monografia apresentada como Trabalho
de Conclusão de Curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade
Estadual do Piauí – UESPI.

Aprovada em: 08 / 01 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

Doutora em Geografia – UESPI
Presidente

Profª. Dra. Liége de Souza

Moura, Doutora em Geografia –
UESPI, Membro.

Prof. Dr. Marcus Pierre de Carvalho Baptista

Doutor em História – UFPI,
Membro.

Dedico este trabalho a todo o curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí – Campus “Poeta Torquato Neto”, ao corpo docente e discente do qual me sinto lisonjeada por dele fazer parte.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, toda honra e toda glória a Ele sempre. Sem a força que Ele me dá todos os dias, eu não chegaria até aqui.

Agradeço também à minha mãe, Maria Madalena, que se esforçou para que eu tivesse a melhor educação possível, se sacrificando sempre por mim, e ao meu pai, Robert Wilson.

Uma enorme gratidão ao meu marido, Osmar Junior, que me ajudou durante a escrita do trabalho e me apoiou nas minhas decisões.

Um agradecimento especial ao meu psicólogo, Guilherme Rocha, que não me deixou desistir do curso quando eu estava nos meus momentos ruins, e me aconselhou a fazer o que gosto e amo.

A minha orientadora, Elisabeth Baptista, que teve paciência e cuidado comigo e com minhas ideias durante a escrita da pesquisa. Obrigada por ser meu alicerce durante a produção deste trabalho.

Aos meus amigos de turma que compartilharam os surtos, felicidades, loucuras, correrias e, acima de tudo, alegrias durante esses quatro anos, especialmente a Luana e Leonardo, e a minha amiga Arinéia Torres, que estiveram presentes nos meus melhores e piores momentos no curso e fora dele.

RESUMO

A abordagem geográfica da Geografia Cultural, considerando os aspectos culturais, sociais e ambientais, desempenha papel fundamental na compreensão das interações entre as sociedades humanas e seu entorno. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a abordagem da Geografia Cultural no Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), especificamente no Campus “Poeta Torquato Neto”, em Teresina. Para tanto, partiu-se das seguintes questões norteadoras elencadas: Como ocorre a abordagem da Geografia Cultural no Curso de Licenciatura Plena em Geografia no Campus Torquato Neto? Qual a importância de inserir a disciplina na grade curricular do curso? Deste modo, os objetivos específicos delineados para a investigação foram: investigar se a Geografia Cultural está presente em alguma disciplina do curso em tela, analisar os conteúdos relacionados a Geografia Cultural nas demais disciplinas e compreender a relevância da Geografia Cultural na formação dos graduandos em Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Piauí, Campus “Poeta Torquato Neto”. Quanto à metodologia, a presente pesquisa se configurou de natureza aplicada, sendo descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa e quantitativa, empregando procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. Para o estudo bibliográfico, foram utilizados autores, como McDowell (1996), Cosgrove (1999), Rosendahl e Corrêa (1999), Corrêa e Rosendahl (2005), Claval (2012), Silva (2019), dentre outros. Ademais, foram aplicados questionários para os alunos entre os blocos 5 e 8, e realizadas entrevistas com professores do Curso de Geografia do referido campus, com o intuito de entender melhor como a disciplina é atualmente abordada e como poderia ser implementada de forma mais eficaz. Os resultados apontam que a Geografia Cultural é bem-vinda como disciplina do curso, pois, segundo alunos e professores, não é abordada de forma suficiente no currículo atual. Portanto, a pesquisa verificou a importância da abordagem cultural para a formação do licenciado em Geografia, além da relevância em se incluir a disciplina de Geografia Cultural na grade curricular do curso estudado.

Palavras-chave: geografia cultural; licenciatura em geografia; disciplina; UESPI.

ABSTRACT

The geographical approach of Cultural Geography, considering cultural, social, and environmental aspects, plays a fundamental role in understanding the interactions between human societies and their surroundings. This paper aims to analyze the approach to Cultural Geography in the Bachelor's Degree in Geography at the State University of Piauí (UESPI), specifically at the "Poeta Torquato Neto" Campus, in Teresina. To achieve this, the following guiding questions were listed: How is Cultural Geography addressed in the Bachelor's Degree in Geography at the Torquato Neto Campus? What is the importance of including this subject in the course curriculum? Thus, the specific objectives outlined for this investigation were: to investigate whether Cultural Geography is part of any subject in the course, to analyze the content related to Cultural Geography in other subjects, and to understand the relevance of Cultural Geography in the education of Geography undergraduate students at the State University of Piauí, "Poeta Torquato Neto" Campus. Regarding methodology, this research is applied in nature, being descriptive and exploratory, with a qualitative and quantitative approach, employing technical procedures such as bibliographic research, documental research, and field research. For the bibliographic study, authors such as McDowell (1996), Cosgrove (1999), Rosendahl and Corrêa (1999), Corrêa and Rosendahl (2005), Claval (2012), Silva (2019), among others, were used. Additionally, questionnaires were administered to students from the 5th to the 8th semesters, and interviews were conducted with professors from the Geography course at the aforementioned campus, aiming to better understand how the subject is currently addressed and how it could be more effectively implemented. The results indicate that Cultural Geography is well-received as a subject in the course, as students and professors believe it is not sufficiently covered in the current curriculum. Therefore, the research confirmed the importance of the cultural approach in the education of Geography graduates, as well as the relevance of including the subject of Cultural Geography in the course curriculum.

Key-words: cultural geography; degree in geography; course; UESPI.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fluxograma do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – 2013	35
Quadro 2 – Formação Acadêmica	39
Quadro 3 – Estudo Sobre Geografia Cultural	40
Quadro 4 – Importância da Geografia Cultural na formação do professor de Geografia e para a formação própria	41
Quadro 5 – Debate sobre Geografia Cultural nas aulas	42
Quadro 6 – Preparação da UESPI para os estudantes sobre Geografia Cultural	43
Quadro 7 – Contribuição da Geografia Cultural no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia – Campus “Poeta Torquato Neto”	43
Quadro 8 – Criação da disciplina Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia da UESPI	44
Quadro 9 – Melhorias no Curso de Licenciatura em Geografia	45
Quadro 10 – Abordagem da Geografia Cultural	48
Quadro 11 – Geografia na Formação do Professor de Geografia	50
Quadro 12 – Implementação da disciplina Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia, Campus “Poeta Torquato Neto”	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Bloco do Estudante	47
Tabela 2 – Curso Superior	47
Tabela 3 – Abordagem da Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia, Campus “Poeta Torquato Neto”	47

LISTA DE SIGLAS

IGU	<i>International Geographical Union</i>
NEER	Núcleo de Estudos em Espaço e Representações
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	GEOGRAFIA CULTURAL: HISTÓRICO E PERSPECTIVAS	13
2.1	O conceito de Cultura	13
2.2	A Geografia Cultural e suas transformações	18
2.3	A Geografia Cultural no Brasil	23
2.4	A Geografia Acadêmica no Brasil	27
2.5	Formação Docente em Geografia	29
3	GEOGRAFIA CULTURAL NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UESPI	34
3.1	Projeto Político Pedagógico do Curso	34
3.2	Resultado dos professores	38
3.3	Resultado dos alunos	46
4	CONCLUSÃO	56
	REFERÊNCIAS	57
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista para os Professores	61
	APÊNDICE B – Questionário para os alunos	62

1 INTRODUÇÃO

A Geografia Cultural, como uma abordagem geográfica, desempenha um papel fundamental na compreensão das interações entre as sociedades humanas e o ambiente ao seu redor, considerando os aspectos culturais, sociais e ambientais.

Inserida no escopo da ciência geográfica, a Geografia Cultural possui uma amplitude de conteúdos que podem ser trabalhados no processo de formação do professor de Geografia, buscando melhorar a compreensão do profissional sobre o mundo ao seu redor.

Na grade curricular da graduação em Licenciatura Plena em Geografia na Universidade Estadual do Piauí, Campus “Poeta Torquato Neto”, não há uma disciplina focada no estudo da Geografia Cultural. Entretanto, algumas matérias possuem a abordagem do conteúdo internamente, como nas disciplinas de Geografia do Território, Geografia Regional, Geografia Urbana e Geografia do Piauí.

Com base nessas informações, é importante entender as principais questões: Como ocorre a abordagem da Geografia Cultural no curso de Licenciatura Plena em Geografia no Campus Torquato Neto? E qual a importância de inserir a disciplina na grade curricular do curso?

Diante disso, a pesquisa apresentou como objetivo geral analisar a abordagem da Geografia Cultural no Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus “Poeta Torquato Neto”. E como objetivos específicos investigar se a Geografia Cultural está presente em alguma disciplina do curso em tela, analisar os conteúdos relacionados a Geografia Cultural nas demais disciplinas e compreender a relevância da Geografia Cultural na formação dos graduandos em Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Piauí, Campus “Poeta Torquato Neto”.

A presente pesquisa se consistiu em exploratória, pois foram utilizados entrevistas e questionários para fundamentação da pesquisa, com abordagem qualitativa, utilizando entrevistas e análise direta, e quantitativa, sendo utilizado quadros e tabelas para quantificar os dados obtidos das entrevistas aplicadas, com o objetivo central de investigar e analisar a presença e a forma como a Geografia Cultural é abordada no curso de Licenciatura em Geografia do Campus “Poeta Torquato Neto” da UESPI. Para tal, foi realizada pesquisa bibliográfica para o entendimento dos fundamentos teóricos e pesquisa documental, por meio da análise

do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia, visando identificar os aspectos relacionados à Geografia Cultural abordados na proposta curricular e/ou nas disciplinas do curso entre o período de 2013 a 2024.

Considerando a relevância da Geografia Cultural no entendimento das relações entre cultura e espaço geográfico, esta pesquisa abordou um enfoque especial voltado para a perspectiva dos geógrafos, como Claval (2012, p. 23), pois para o geógrafo “[...] a abordagem cultural em Geografia pode alargar o campo de conhecimento a temas e domínios até então negligenciados. E é isso que torna preciosa a contribuição da Geografia brasileira no estudo dos fatos culturais”.

A pesquisa de campo também foi empreendida e, para a coleta de dados, foi aplicado um questionário com os alunos do 5º, 6º, 7º e 8º bloco do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, do Campus “Poeta Torquato Neto”, e realizada uma entrevista com os professores do curso. Esse processo de análise foi desenvolvido ao longo do período de um ano, permitindo uma avaliação mais abrangente e aprofundada dos temas abordados.

Assim, a pesquisa pretende mostrar os resultados adquiridos a partir das seções Introdução, Geografia Cultural: histórico e perspectivas, com os subtópicos de O Conceito de Cultura, A Geografia Cultural e suas transformações, A Geografia Cultural no Brasil, a Geografia acadêmica no Brasil, Formação do docente em Geografia.

Além disso, o trabalho de conclusão de curso também apresenta as seções com a análise do Projeto Político Pedagógico do Curso, os resultados das entrevistas com os professores e dos questionários para os alunos, e conclusão.

2 GEOGRAFIA CULTURAL: HISTÓRICO E PERSPECTIVAS

Para a fundamentação teórica, foram lidos artigos, capítulos e livros de autores como Corrêa (2009), Claval (2012), Silva (2019), e outros, a fim de buscar conceitos e pensamentos que vão de encontro com a pesquisa. Dessa forma, se organizou o texto em tópicos como o Conceito de Cultura, a Geografia Cultural e suas transformações, a Geografia Cultural no Brasil, a Geografia acadêmica no Brasil e a formação do docente em Geografia.

2.1 Conceito de Cultura

Para Corrêa (2009), a cultura se constitui em um termo que possui diversas acepções, podendo ser empregado no senso comum, sendo inteligível no âmbito das ideias. Dessa forma, Corrêa (2009) entende que a cultura está em uma constante construção e debate nas ciências sociais, incluindo a Geografia, assim, a esta é vista como um elemento que organiza e dá significado ao espaço.

Corrêa (2009) enfatiza a polissemia do termo e que os geógrafos são sensíveis às várias formas como diferentes sociedades e grupos percebem e vivem o espaço. Essa polissemia também é citada por Lévy (2015, p. 27), ao dizer que “[...] a palavra “cultura” é, com efeito, terrivelmente polissêmica”. Assim, possui múltiplos significados e interpretações, o que pode gerar confusões em seu uso. Essa diversidade de entendimentos demonstra como a cultura abrange uma ampla gama de práticas, valores e expressões, tornando-se um conceito complexo e multifacetado.

Para Sahlins (1976), citado por Cosgrove (2007, p. 103):

Pouco se ganha ao se tentar uma definição precisa de cultura. Fazê-lo implica em sua redução a uma categoria objetiva, negando sua subjetividade essencial. Nenhum grupo humano considera seu mundo vivido como uma produção cultural, exceto a burguesia ocidental que criou o conceito de cultura.

Dessa forma, é perceptível que a Geografia Cultural, para Cosgrove (2007), analisa como as diferentes sociedades se moldam. A cultura, assim, não é percebida como algo externo ou separado, essa noção de conceito de cultura é, portanto, produto de condições sociais e históricas. Assim, Cosgrove (2007) estimula uma abordagem mais reflexiva, reconhecendo que as vivências culturais são situadas,

dinâmicas e, muitas vezes, invisíveis aos próprios grupos que as experienciam.

Claval (2011) enfatiza a ideia de Tylor (1871), que teria definido pela primeira vez o conceito de Cultura, como é utilizado atualmente tomado em seu amplo sentido etnográfico, sendo este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade, ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Claval (2011, p. 16) define cultura como o “[...] conjunto de práticas, conhecimentos, atitudes e crenças que não são inatos, mas sim adquiridos” destacando a importância dos processos de transmissão, ensino, aprendizagem e comunicação na Geografia Cultural. O geógrafo ainda diz que a natureza e o conteúdo da cultura de cada pessoa são reflexos dos meios pelos quais ela adquire suas práticas e saberes. Isso pode ocorrer por meio da transmissão direta, através da fala e do gesto, pelo uso da escrita, ou ainda pela utilização das mídias contemporâneas. O conceito de cultura pode ser compreendido como o conjunto de valores e crenças compartilhados por uma comunidade, tornando-se perceptível ao se identificar sistemas alternativos de crenças e valores, com base em uma análise imparcial.

Nas sociedades atuais, isso tem favorecido uma maior consciência sobre a relatividade das verdades culturais. Paralelamente, o relativismo cultural gerou interesse em examinar criticamente as culturas modernas, reconhecendo que elas são compostas por múltiplas vozes que, de formas variadas, atribuem significados ao mundo (Cosgrove, 2000).

Para Wagner e Mikesell (2003, p. 28):

O conceito de cultura oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam.

O conceito de cultura ajuda a entender como diferentes grupos humanos compartilham hábitos, crenças e valores. Além disso, permite analisar como essas características influenciam a organização e ocupação de diferentes regiões.

No século XV, o conceito de cultura sofreu sua primeira transformação, sendo entendido como uma capacidade que poderia ser trabalhada e desenvolvida. Esse significado figurativo foi novamente ampliado no século XVIII, quando o termo cultura passou a ter múltiplos usos, abrangendo áreas como as artes, as letras e as ciências.

Essa evolução do conceito reflete o crescente reconhecimento da cultura como um aspecto dinâmico e em constante construção, destacando a sua relação com o desenvolvimento humano e intelectual (Caetano; Bezzi, 2013).

Para Caetano e Bezzi (2013), na Alemanha, o termo *Kultur* (cultura) está associado ao desenvolvimento intelectual e espiritual. Essa distinção surgiu em meio ao nacionalismo alemão e à busca por uma identidade cultural nacional. Por isso, pode-se afirmar que o conceito de cultura alemã, que emergiu no século XVIII, está vinculado a uma perspectiva étnico-racial.

Geertz (1989, p. 15) acredita que “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Neste sentido, o autor entende a cultura como sendo essas teias e a sua análise é “[...] não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Essa perspectiva implica que as expressões sociais, mesmo que enigmáticas ou complexas na superfície, carregam significados profundos que podem ser desvelados através de uma leitura cuidadosa e sensível do contexto cultural.

No cenário da contemporaneidade, Mikesell (2000, p. 91) destaca que:

Os estudos culturais contemporâneos nos ensinaram a reconhecer, acima de tudo, que as culturas são contestadas politicamente. A visão unitária da Cultura dá lugar à pluralidade de culturas, cada uma com suas especificidades de tempo e lugar. A cultura pode sempre ser representada como uma construção social e politicamente contestada.

Sendo assim, cada cultura tem suas próprias características, valores e significados moldados por sua história e contexto. Essa pluralidade implica que a cultura é uma construção social que está sendo continuamente formada e reformulada por interações sociais, conflitos e negociações de poder.

Deste modo, Duncan (2007, p. 64) relata que:

A teoria da cultura como entidade supra-orgânica foi esboçada pelos antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie nos primeiros 25 anos do século XX, sendo posteriormente elaborada por Leslie White. Nessa visão, a cultura era entendida como uma entidade que transcende o ser humano, não sendo redutível às ações individuais e respondendo, de maneira misteriosa, a suas próprias leis. Essa concepção de cultura acabou por predominar na geografia cultural, especialmente com a adoção dessa perspectiva por Carl Sauer, que se associou a Kroeber e Lowie em Berkeley nas décadas de 1920 e 1930. Esse pensamento foi transmitido posteriormente para seus alunos.

A noção de que a cultura opera de forma autônoma sugere uma visão holística e complexa das interações humanas e sociais, enfatizando que a cultura não é apenas um reflexo das ações individuais, mas uma força que molda e, muitas vezes, determina esses comportamentos. Essa abordagem convida à reflexão sobre a maneira como percebemos e estudamos a cultura, reconhecendo sua profundidade e suas estruturas subjacentes que afetam sociedades de maneira abrangente. Assim, a teoria não somente enriquece o campo da antropologia, mas também oferece uma lente valiosa para a análise da interação entre cultura e espaço geográfico.

Duncan (2007) explora o conceito de cultura conforme descrito por autores como Sauer, Wagner, Mikesell, Wagner e Zelinsky. A ideia de cultura como um "comportamento habitual aprendido" destaca que ela não é inata, mas se desenvolve por meio de processos de socialização e aprendizado contínuo. A semelhança nas definições apresentadas por esses autores revela um consenso entre estudiosos sobre a formação e manifestação da cultura nas sociedades. Essa perspectiva reforça o caráter dinâmico da cultura, evidenciando sua capacidade de adaptação e transformação a partir das interações sociais e das experiências coletivas vivenciadas pelas comunidades.

A partir de 1980, a temática cultural que se relaciona com o cotidiano das grandes cidades e o conceito de "não-lugares" passa a ser um foco de interesse crescente, especialmente entre pesquisadores britânicos. Essa mudança de foco reflete uma busca por compreender a dinâmica urbana e a experiência individual em ambientes que, apesar de serem densamente povoados, podem parecer despersonalizados ou alienantes (Caetano; Bezzi, 2013).

Mattelart e Neveu (2004) apontam que os estudos têm se expandido gradualmente para abranger dimensões culturais relacionadas ao "gênero", à "etnicidade" e às variadas práticas de consumo. Ao incorporar essas questões culturais, os pesquisadores conseguem compreender como diferentes identidades moldam e são moldadas pelos processos de produção e consumo.

Caetano e Bezzi (2013, p. 255) destacam que:

[...] com a ascensão da Geografia Crítica, alicerçada pela fenomenologia e o marxismo, o conceito de cultura ganhou novo sentido. A Geografia Cultural passou a ter conteúdo humanístico em suas produções, valorizando o ser social e sua vivência no espaço.

Na perspectiva humanista da cultura se evidencia a importância que esta adquire no contexto social, como pondera Cosgrove (2007, p. 104):

A cultura serve para unir os aspectos fundamentais do ser social: (1) trabalho, que é a interação direta dos seres humanos com a natureza na produção (como "agricultura", "viticultura", "silvicultura"); e (2) consciência, que abrange as ideias, valores, crenças e a ordem moral nas quais os seres humanos se tornam cientes de si mesmos como sujeitos capazes de transcender a materialidade grosseira da natureza (como "cultura primitiva", "cultura de classes", "contracultura"). A cultura é um termo central no humanismo, sendo difícil de definir de forma clara como um conceito objetivo, mensurável e compreensível apenas por meio da prática.

Esse aspecto reflete o desafio enfrentado por pesquisadores e estudiosos no campo das ciências sociais e humanidades, que buscam compreender a cultura não apenas como um conjunto de práticas, mas como um fenômeno em constante transformação que molda e é moldado pela experiência humana. Assim, a análise proposta destaca a centralidade da cultura na realização da condição humana, sugerindo que a compreensão desse elemento é essencial para a construção de significados e identidades no mundo contemporâneo.

A partir da década de 1980, com a renovação da Geografia Cultural, o conceito de cultura passa por uma revisão, motivada pelas críticas da década de 1970. Desse modo, a cultura não é mais compreendida inteiramente como uma entidade supra-órgânica, mas analisada em partes. Salienta-se, ainda, que essa noção ganha uma compreensão atrelada à consciência dos hábitos, normas e valores, além de ser evidenciada a diversidade e a instabilidade dos grupos culturais estudados (Caetano; Bezzi, 2013).

A compreensão da cultura está atualmente relacionada às ações humanas sobre a superfície terrestre, abrangendo tanto os aspectos materiais quanto os imateriais. Além disso, o estudo da cultura considera o presente de um determinado grupo cultural em conexão com seu passado e suas interações com outros grupos (Caetano; Bezzi, 2013).

Para Moura e Pereira (2020, p. 7):

[...] a cultura desenvolve contemporaneamente formas diversas de manifestações, construindo novas identidades sociais e individuais no espaço e Geografia enquanto ciência pode fazer essa leitura e auxiliar no entendimento dessa nova ordem espacial.

A perspectiva proposta pelos autores destaca a sinergia entre cultura e Geografia, convidando à reflexão sobre como essas dimensões se influenciam mutuamente na formação de nossas identidades.

Zanatta (2017, p. 11) comenta que “[...] as possibilidades da abordagem cultural contemporânea são múltiplas”. Na verdade, existem vários caminhos pelos quais os geógrafos buscam elucidar as dimensões materiais e imateriais da cultura, abrangendo tanto o passado quanto o presente, assim como objetos e ações em escalas global, regional e local. Esses estudos consideram, ainda, aspectos objetivos e intersubjetivos, entre outros.

Segundo Corrêa e Rosendahl (2003, p. 14), “[...] o que os une é a compreensão de todos esses aspectos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana”. A cultura se entrelaça com as experiências humanas e suas expressões nos diferentes contextos espaciais e temporais. A análise dos significados proporciona uma visão mais profunda das relações sociais que moldam um espaço, seja ele global, regional ou local.

2.2 A Geografia Cultural e suas transformações

Segundo Martins (2010, p. 25), “A geografia cultural é um ramo da geografia caracterizado pelo estudo e compreensão da distribuição espacial das expressões culturais”. Podemos citar exemplos como expressões religiosas, crenças, rituais, arte, formas de trabalho.

As diferenças entre as comunidades humanas que criaram ou continuam criando determinados aspectos geográficos são analisadas a partir de sua relação com os modos específicos de vida que caracterizam cada cultura. A Geografia Cultural busca comparar a distribuição das áreas culturais com a de outros elementos da superfície terrestre, visando identificar particularidades ambientais associadas a uma cultura específica e compreender, sempre que possível, o papel desempenhado pela ação humana na formação e preservação de certos aspectos geográficos (Wagner; Mikesell, 2003).

A Geografia Cultural é um campo de estudo caracterizado por intenso debate e teorias em constante evolução. De acordo com Corrêa (2009), a Geografia Cultural teve sua origem por volta de 1890, durante a consolidação da Geografia como

disciplina, especialmente na Alemanha, onde se discutiam os caminhos necessários para estabelecer sua identidade acadêmica.

Entre 1882 e 1891, Ratzel desenvolveu ideias que explicavam como os modos de vida de indivíduos, grupos e sociedades se relacionavam com o ambiente natural e de que forma o espaço influenciava a construção das identidades culturais (Caetano; Bezzi, 2013). Nesse contexto, Zanatta (2017) destaca Ratzel como um pioneiro ao integrar aspectos culturais em suas análises geográficas. Por meio da antropogeografia, ele lançou as bases da geografia humana, com foco nas interações entre as pessoas e o meio em que vivem.

Segundo Claval (2011), geógrafos como Vidal de la Blache e Friedrich Ratzel adotaram a conceituação de cultura proposta por Tylor, mas abordaram a questão sob uma perspectiva distinta. Para eles, a cultura não era inata, mas fortemente influenciada ou até mesmo moldada pelo meio ambiente. Dessa forma, argumentaram que o local onde as pessoas vivem impacta diretamente seus modos de vida e a formação de grupos, sugerindo que a cultura emerge não apenas de aspectos biológicos ou mentais, mas também da interação com o entorno.

Outro pensador relevante foi Otto Schlüter, que, ao se concentrar na geografia humana e nos estudos das paisagens humanizadas, introduziu o conceito de paisagem cultural (Oliveira; Silva, 2009). Essa abordagem direcionou a atenção para a análise morfológica das paisagens, interpretando a cultura como o resultado das técnicas, ferramentas e transformações aplicadas aos ambientes pelo ser humano.

Em outras palavras, trata-se dos elementos materiais que o ser humano utiliza para alterar a natureza com o objetivo de maximizar sua produtividade. Essa perspectiva reflete o contexto da época, quando a epistemologia da geografia era predominantemente naturalista ou positivista. Consequentemente, para os geógrafos daquele período, o real significado da cultura para a compreensão das questões geográficas foi, em grande medida, ignorado (Zanatta, 2017).

Na primeira metade do século XX, a atenção estava direcionada às estratégias empregadas pelos grupos humanos para transformar o ambiente em que viviam. Essas iniciativas incluíam a domesticação de plantas e animais, práticas agrícolas, técnicas de criação de rebanhos e métodos conhecidos como "iniciação", relacionados à rotação de culturas. Além disso, também eram consideradas as técnicas utilizadas para a construção de moradias e outras estruturas (Claval, 2011).

A perspectiva cultural da Geografia no século XX busca entender a relação.

entre os indivíduos e o seu entorno. Contudo, essa visão se restringiu a ações específicas e palpáveis, sem realizar uma investigação mais aprofundada sobre as influências sociais, econômicas e políticas que impactaram esses processos.

Nos Estados Unidos, a Geografia Cultural consolidou sua identidade principalmente devido às contribuições de Carl Sauer e seus discípulos. Inicialmente desenvolvida em Berkeley, essa abordagem rapidamente se disseminou para diversas outras universidades. A chamada Escola de Berkeley (1925-1975) teve um papel central no desenvolvimento e na afirmação da Geografia Cultural como um campo de estudo significativo (Corrêa; Rosendahl, 2007).

Para Sauer (2007), a Geografia Cultural se desenvolve a partir da reconstrução de diversas culturas de uma área, iniciando pela cultura original e sendo continuada até o presente.

Assim sendo, o reconhecimento da Geografia Cultural presente em um espaço exige, obrigatoriamente, um exame e um levantamento das camadas destas culturas que o foram impregnando ao longo do tempo, isto é, a partir da cultura original que estava presente na referida área. Esta orientação pode propiciar uma apreensão acerca de como a interação entre culturas, as interações de influências externas, as mudanças sociais e as mudanças ambientais contribuíram para a formação da identidade cultural desses lugares ao longo do tempo.

Entre 1940 e 1970, a Geografia Cultural passou por um período de declínio em sua relevância acadêmica, inicialmente devido à predominância da Geografia Regional proposta por Hartshorne (1940-1955) e, posteriormente, pela ascensão da revolução teórico-quantitativa (1955-1970). Esse período pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado por críticas à abordagem cultural na Geografia (Corrêa, 2009). Poucas pesquisas inseridas nessa perspectiva foram realizadas, já que o enfoque na dimensão material da cultura e o conceito adotado à época — que compreendia a cultura como algo externo ao indivíduo — não acompanharam as transformações globais (Caetano; Bezzi, 2013).

Apesar disso, Claval (2011) observa que alguns pensadores desse período adotaram uma visão mais ampla, incluindo elementos simbólicos das paisagens em suas análises. No entanto, mesmo esses estudiosos evitam aprofundar a compreensão das representações e dos processos mentais envolvidos na relação dos homens com o espaço.

Em continuidade ao seu desenvolvimento, a Geografia Cultural vivencia nos

anos 1970 e 1980, eventos que proporcionaram mudanças em seu escopo teórico-metodológico, como relata Corrêa (2009, p. 2):

A partir de 1970, a geografia cultural passa por uma profunda reformulação, como sempre com base em jovens geógrafos. A década de 1970 foi, em realidade, uma arena de embates epistemológicos, teóricos e metodológicos, no âmbito dos quais emergem uma geografia crítica e diferentes subcampos que, nos anos 80, iriam confluir, em parte, para gerar a denominada geografia cultural renovada. A década de 1980 vê configurar-se esta nova versão da geografia cultural. Na década seguinte, surgem periódicos especializados, *Géographie et Cultures*, na França, criado por Paul Claval em 1992, e *Ecumene*, na Inglaterra e nos Estados Unidos, em 1994, posteriormente redenominado de *Cultural Geographies*.

A chamada "virada cultural" ganhou destaque tanto nos estudos culturais da Geografia quanto em outras Ciências Sociais, promovendo uma expansão da noção de cultura, incluindo sua compreensão no senso comum (Caetano; Bezzi, 2013). Essa transformação possibilitou que a Geografia Cultural aprofundasse suas análises das relações entre cultura, espaço e sociedade, além de refletir sobre as condições de produção do conhecimento geográfico (Mondana; Soderstrom, 2004).

Com essa perspectiva renovada, a cultura deixou de ser vista como algo supra-organico e passou a ser compreendida como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Nesse sentido, a cultura não possui um poder explicativo autônomo, mas, ao contrário, precisa ser interpretada (Corrêa; Rosendahl, 2003).

Essa reformulação no entendimento da cultura pela Geografia Cultural moveu seu foco de uma abordagem centrada na diversidade cultural e em seus aspectos materiais para uma investigação que prioriza a relação complexa da cultura com sistemas de representações, significados e valores. Esses elementos moldam identidades coletivas expressas em construções sociais compartilhadas e manifestadas no espaço. Além disso, na visão antropológica mais ampla, a cultura é compreendida não apenas como produtora de objetos materiais, mas também como um sistema cultural estruturado por valores éticos e morais, costumes e significados que fundamentam as práticas sociais (Zanatta, 2017).

Conforme Cosgrove (1999), esse contexto reflete uma rivalidade entre as "velhas" e "novas" abordagens, evidenciando o dinamismo da Geografia Cultural. McDowell (1996) destaca que tal cenário torna essa área uma das mais promissoras e estimulantes da pesquisa geográfica contemporânea. As disputas entre essas

abordagens vão além das diferenças teóricas ou regionais, revelando que a disciplina está em constante evolução e buscando novas formas de compreender as interações entre cultura e espaço. Neste sentido, aponta Corrêa (1999, p. 51) que:

O renascimento da geografia cultural insere-se num contexto pós-positivista e advém da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e da sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para compreender o mundo.

Assim, Corrêa (1999) afirma que a cultura não é um aspecto da vida social, mas que ela constitui uma variável que influenciará a forma como o espaço é produzido e utilizado. A maneira como as sociedades se organizam, deslocam e interagem em um espaço físico específico está intimamente relacionada às suas práticas culturais, valores e identidade.

A expansão das análises sobre a dimensão geográfica da cultura foi acompanhada por uma revalorização dos fundamentos do humanismo. Nesse contexto, o ser humano reassumiu um papel central nos estudos da Geografia Cultural, sendo visto tanto como criador quanto como produto do espaço que habita. Isso destaca a ação ativa dos indivíduos na construção e transformação do espaço geográfico, enquanto são influenciados pelas dinâmicas culturais e espaciais que eles mesmos ajudam a moldar (Zanatta, 2017).

Para Silva (2019), o conceito de cultura evoluiu ao longo do tempo, refletindo as mudanças sociais e territoriais. Essa flexibilidade conceitual permite à Geografia Cultural incorporar diversas perspectivas, enriquecendo os debates acadêmicos. A diversidade intelectual do campo é vista como positiva, pois a multiplicidade de ideias é essencial para o avanço do conhecimento. Nesse cenário, a troca de ideias consolida a Geografia Cultural como uma área dinâmica e constantemente estimulada por discussões acadêmicas.

Silva (2019, p. 21) enfatiza que “[...] a cultura transforma a nossa vida e, do ponto de vista geográfico, transforma também o espaço onde vivemos”. No ensino, a Geografia Cultural desempenha um papel fundamental ao preparar futuros professores para compreender como a cultura influencia o espaço físico e as interações sociais, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico. Silva (2019) destaca que as práticas culturais não apenas são preservadas, mas também impactam o espaço acadêmico. No processo de ensino, os estudantes são

provocados a refletir sobre o papel da cultura e sua relação com o espaço, o que transforma sua compreensão e aplicação desses conceitos. Essa abordagem é essencial para formar geógrafos críticos, capazes de analisar e estimular as dinâmicas culturais que moldam o espaço.

A inclusão da Geografia Cultural nos currículos de Licenciatura em Geografia fortalece a compreensão da complexidade entre as dimensões espaciais e culturais. Essa formação é crucial para capacitar professores a ensinar Geografia com criticidade e consciência. Como afirma Silva (2019, p. 22), "[...] a cultura dá sentido às nossas vidas", e a compreensão da cultura sob a ótica da Geografia é indispensável para uma análise crítica das relações sociais e do espaço.

A menção ao pano de fundo histórico da Geografia Cultural, que passou por uma reforma profunda com a chegada das novas teorias e abordagens a partir dos anos 1970, torna ainda mais evidente o entendimento de que a prática da formação docente em Geografia deve acompanhar essas transformações e dar aos graduandos uma formação que evidencie as diversas dimensões que a Geografia Cultural pode conter.

Conhecer ainda a importância da Geografia Cultural na formação dos graduandos se faz essencial para a edificação de uma prática pedagógica adequada. A Geografia Cultural dispõe de instrumentos teóricos e práticos que podem enriquecer a formação do professor de Geografia, possibilitando-lhes uma abordagem do pluralismo cultural, das relações sociais e das identidades em seus futuros trabalhos na educação.

2.3 Geografia Cultural no Brasil

No Brasil, apesar da diversidade cultural e da ampla formação de professores em cursos de Geografia, a Geografia Cultural foi historicamente negligenciada pelos geógrafos até o final dos anos 1980. Mesmo os estudos regionais que abordavam aspectos culturais raramente davam prioridade ao tema, e a cultura, em suas múltiplas manifestações, não era reconhecida como um eixo central para a pesquisa (Corrêa; Rosendahl, 2005).

De acordo com Caetano e Bezzi (2013), a década de 1990 marcou um período de ascensão da Geografia Cultural no Brasil, com maior relevância nas discussões acadêmicas e sociais. Esse crescimento reflete a riqueza da diversidade cultural

brasileira, derivada da heterogeneidade populacional e do histórico de colonização do país. Desde 1995, a produção acadêmica nessa área tem experimentado um avanço contínuo, manifestado em dissertações, teses, artigos, conferências e publicações diversas (Corrêa; Rosendahl, 2008). Esse crescimento contribuiu significativamente para fortalecer o campo, enriquecendo os debates e ampliando as perspectivas de análise.

Corrêa e Rosendahl (2008) apontam três razões principais para o desenvolvimento tardio da Geografia Cultural no Brasil. Primeiramente, a falta de interesse dos geógrafos culturais norte-americanos, como Carl Sauer e a Escola de Berkeley, cujos estudos priorizavam a América hispanófona, sobretudo o México. Em segundo lugar, o auge da geografia teórico-quantitativa entre 1970 e 1978, coincidente com a expansão dos cursos de Geografia no Brasil, atribuiu a cultura a um papel secundário. Por fim, a influência do materialismo histórico e dialético, muitas vezes aplicado de forma reducionista, levou à negligência da cultura, considerada uma superestrutura subordinada à economia.

Um marco importante no fortalecimento da Geografia Cultural no Brasil foi a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) em 1993, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob a coordenação de Zeny Rosendahl. Este núcleo tornou-se referência nacional, com foco nas interações entre espaço e religião, simbolismo e cultura popular, sendo a primeira temática a mais explorada (Vieira; Alves, 2022). Em 1995, o NEPEC lançou o periódico *Espaço e Cultura*, reunindo contribuições de geógrafos brasileiros e estrangeiros, como Marvin Mikesell, Denis Cosgrove e Paul Claval, representantes de diferentes abordagens teóricas da Geografia Cultural (Corrêa; Rosendahl, 2005).

Além do periódico, o NEPEC publicou a série de livros *Geografia Cultural* em 1996, ampliando o alcance dos debates. Entre 1998 e 2002, o núcleo organizou três simpósios nacionais, reunindo apresentações acadêmicas e promovendo ampla participação de estudantes, professores e pesquisadores. Em 2003, comemorando uma década de existência, foi lançada a coleção *NEPEC Textos*, voltada para a divulgação de pesquisas, com ênfase nas relações entre espaço e religião (Corrêa; Rosendahl, 2005).

A expansão do campo em universidades públicas com programas de pós-graduação, como Goiânia, Fortaleza, Uberlândia e Rio de Janeiro, consolidou a importância da Geografia Cultural no Brasil. Esse desenvolvimento culminou em

eventos de alcance internacional, como a Conferência Regional de 2003, organizada pela *International Geographical Union* (IGU) no Rio de Janeiro, na qual predominou a participação de pesquisadores brasileiros (Corrêa; Rosendahl, 2005).

Vieira e Alves (2022) apontam que, desde a década de 1990, as pesquisas sobre Geografia Cultural têm registrado crescimento significativo no Brasil, refletindo o interesse em explorar as manifestações culturais, as percepções e os simbolismos de um território caracterizado por sua vasta extensão e diversidade sociocultural. Essa abordagem permite compreender como diferentes grupos constroem significados, identidades e relações com o espaço, revelando a complexidade das dinâmicas culturais que moldam o território brasileiro.

O aprofundamento dessas investigações é crucial, considerando a pluralidade de expressões culturais no Brasil, que incluem tradições indígenas, influências africanas, europeias e asiáticas, além das transformações promovidas pela globalização. Essa diversidade se manifesta tanto nas práticas culturais e simbólicas quanto nas formas como os territórios são organizados e representados, configurando um campo fértil para a análise da relação entre cultura, espaço e sociedade.

Nesse contexto, a Geografia Cultural oferece ferramentas teóricas e metodológicas para interpretar a interação entre os elementos materiais e imateriais das paisagens culturais, contribuindo para a valorização e preservação das identidades locais, bem como para a formulação de políticas públicas que promovam a inclusão e a sustentabilidade cultural.

Para Corrêa e Rosendahl (2008, p. 77), “[...] a produção brasileira caracteriza-se pela diversidade teórica, metodológica e temática, que estão necessitando de uma avaliação mais acurada, a qual demanda tempo de pesquisa”. Isso sugere que, apesar do avanço nas pesquisas, há uma carência de estudos críticos e sistemáticos que possam organizar e consolidar o conhecimento produzido. A diversidade mencionada, embora positiva por incentivar múltiplas perspectivas, também pode gerar fragmentação. Portanto, é crucial investir tempo e esforço em pesquisas que avaliem e integrem essas diversas contribuições, a fim de aprimorar a compreensão e o impacto da Geografia Cultural no país.

Neste sentido, é que Corrêa e Rosendahl (2008, p. 77) propõem que:

[...] deve ser ressaltada a estratégia adotada pelos organizadores da coleção “Geografia Cultural” e editores do periódico “Espaço e Cultura”, de tradução de importantes trabalhos publicados

originalmente em língua inglesa, francesa, em maioria, alemã e castelhana. Esta estratégia visa não apenas a divulgação de textos básicos, como de viabilizar uma base teórica para as gerações futuras. Ressalte-se que esta estratégia é corrente nas demais ciências, sendo pouco usual na geografia brasileira. Nesse sentido, foram traduzidos e publicados textos de Carl Sauer, Philip Wagner, Marvin Mikesell, Donald Meinig e Daniel Gade, todos vinculados à geografia cultural tradicional, Denis Cosgrove, Peter Jackson, James Duncan e Don Mitchell, vinculados à geografia cultural renovada. Entre os franceses, foram publicados textos de Max Sörre, Jean Gallais, Jöel Bonnemaison e Paul Claval. Paul Fickeler, Carl Tröll, alemães, e Marc Brosseau, canadense, compõem com anglo-americanos e franceses um conjunto de cerca de 50 textos traduzidos e publicados (Corrêa; Rosendahl, 2008, p. 77).

A tradução de obras fundamentais da Geografia Cultural é uma estratégia que amplia o alcance e a relevância dessa área de estudo no Brasil. Permite o acesso a textos e facilita o diálogo entre as teorias desenvolvidas em diferentes contextos culturais. Isso contribui para a formação de uma base teórica diversificada e rica, que pode ser adaptada às realidades locais e regionais, promovendo uma geografia mais crítica e interdisciplinar. Além disso, favorece a circulação de ideias e métodos que podem enriquecer tanto a pesquisa acadêmica quanto a prática educativa no Brasil.

A institucionalização da abordagem cultural na Geografia brasileira avançou significativamente nos anos 2000, marcada pela criação do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). Diferentemente de outras iniciativas anteriores, o NEER teve origem em "universidades periféricas", localizadas em cidades como Salvador, Porto Alegre, Curitiba e Porto Velho, ampliando a disseminação do enfoque cultural para além dos grandes centros acadêmicos.

Ao longo da década de 2000, a consolidação dessa abordagem foi notória, com um número expressivo de pesquisadores adotando a perspectiva cultural em suas investigações, mesmo fora dos núcleos formais, como o NEPEC e o próprio NEER. Esse movimento reflete o êxito da abordagem cultural em promover novas formas de compreender a relação entre cultura e espaço, expandindo os horizontes da pesquisa geográfica e fortalecendo sua presença em diferentes contextos institucionais e regionais (Claval, 2012).

Para Claval (2012, p. 20), "[...] a abordagem cultural experimenta um grande sucesso no Brasil e baseia numerosas publicações científicas". O sucesso dessa perspectiva pode ser atribuído à sua capacidade de oferecer novas lentes para a análise de fenômenos sociais, promovendo uma compreensão mais rica e profunda

das interações entre cultura, sociedade e espaço. Além disso, o crescimento de publicações científicas nesta área demonstra não apenas o interesse acadêmico, mas também a importância das questões culturais na construção de identidades e na dinâmica social do país. Essa abordagem possibilita refletir sobre as especificidades culturais brasileiras, enriquecendo o debate acadêmico e contribuindo para uma formação mais ampla e diversificada do conhecimento no Brasil.

A formulação engenhosa da abordagem cultural em Geografia desempenha um papel central na expansão do campo de conhecimento, abrangendo temas e domínios antes negligenciados. Essa contribuição torna-se particularmente valiosa no contexto da Geografia brasileira, que, ao integrar aspectos culturais em suas análises, enriquece a compreensão das interações sociais e culturais no país. Essa perspectiva proporciona uma análise mais diversificada e abrangente, consolidando a Geografia como uma ferramenta indispensável para o entendimento das sociedades contemporâneas, marcadas por sua complexidade e dinamicidade (Claval, 2012).

2.4 Geografia Acadêmica no Brasil

A estrutura universitária no Brasil tem origem recente em comparação com a europeia. Após a proclamação da República, entre os anos de 1909 e 1928, surgiram as primeiras universidades. No entanto, por serem estabelecidas como uma agregação de escolas isoladas, essas iniciativas iniciais não obtiveram o êxito esperado (Machado, 2000).

Segundo Cruz e Silva (2018), foi entre 1930 e 1945, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, que as bases da atual estrutura universitária brasileira começaram a ser consolidadas. A criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, e da Universidade do Distrito Federal, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1935, foram marcos significativos desse processo. Essas instituições desempenharam um papel fundamental na organização e no desenvolvimento da educação superior no país, promovendo a estruturação de campos disciplinares, como a Geografia, e contribuindo para o avanço do ensino e da pesquisa acadêmica.

A Geografia Acadêmica no Brasil encontra sua origem na criação do Departamento de Geografia e História na Universidade de São Paulo (USP), em 1934. Este evento, conforme destacado por Corrêa e Rosendahl (2005), foi um marco inaugural que consolidou a Geografia como um campo acadêmico legítimo. Dois anos

depois, em 1936, foi estabelecido o segundo curso de Geografia na cidade do Rio de Janeiro, na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Esses marcos representam o início da institucionalização da Geografia no ambiente acadêmico brasileiro. A partir deles, a disciplina começou a se desenvolver como uma área de estudo independente, estruturando currículos, ampliando pesquisas e promovendo a formação de geógrafos profissionais. Esses esforços inaugurais estabeleceram as bases para a trajetória de crescimento e consolidação da Geografia no Brasil, tanto no ensino quanto na pesquisa acadêmica.

Sobre estes aspectos, Machado (2000, p. 124) expressa que:

A institucionalização da geografia universitária brasileira ocorre a partir destes dois novos pólos de produção científica nacional. O pólo universitário “paulista” e o pólo universitário “carioca”. Tanto a Universidade de São Paulo quanto a Universidade do Distrito Federal possibilitaram a implantação da geografia moderna no Brasil e impulsionaram a formação de duas escolas representativas da geografia nacional: a escola paulista e a escola carioca de geografia.

A Geografia Acadêmica no Brasil começou a ganhar forma com a criação de departamentos e cursos que estabeleceram as bases para o desenvolvimento da disciplina no país. A chegada de geógrafos franceses foi um dos fatores determinantes nesse processo.

Pierre Deffontaines, contratado em 1934, teve papel fundamental na criação dos cursos de Geografia e História, tanto na Universidade de São Paulo (USP) quanto na então Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Já Pierre Monbeig destacou-se na USP entre 1935 e 1946, integrando rigor e interdisciplinaridade em sua prática geográfica. Ele foi influenciado por De Martonne, cuja abordagem geomorfológica marcou a formação de cientistas como João Dias da Silveira e Aziz Ab'Saber, conectando o método geomorfológico às análises regionais e ao processo de ocupação territorial (Machado, 2000; Marques Neto, 2012).

Entre os anos de 1940 e 1956, Francis Ruellan contribuiu para a geografia carioca, especialmente na área de Geomorfologia, com trabalhos de campo que expandiram o conhecimento sobre regiões como Paraná e Roraima. A consolidação da escola francesa no Brasil influenciou o estudo dos aspectos regionais, embora outras correntes, como a geografia saueriana, não tenham ganhado o mesmo espaço, mesmo com os esforços de Hilgard Sternberg (Corrêa; Rosendahl, 2005).

Ao longo do tempo, a Geografia acadêmica brasileira evoluiu, incorporando diversas correntes teóricas. Até a década de 1970, predominavam a escola francesa e a visão teorético-quantitativa. A partir dos anos 1980, emergiu a perspectiva crítica, influenciada pelo materialismo histórico e dialético. Essa abordagem começou a superar limitações da tradição francesa, que, apesar de considerar o homem um sujeito histórico, restringia-se a estudar a relação entre homem e natureza, deixando de lado as relações sociais e modos de produção (Marcelino; Volpato, 2021).

Na contemporaneidade, a Geografia acadêmica brasileira se organiza em torno de pressupostos epistemológicos e se afirma como um campo autônomo do conhecimento científico. Por meio de suas diversas linhas de pesquisa, busca aprofundar a análise do mundo sob uma perspectiva espacial, contribuindo para o entendimento das dinâmicas sociais, culturais e naturais (Cavalcante, 2012; Cabral, 2024).

2.5 Formação Docente em Geografia

Pontuschka (2010) destaca que a formação de professores de Geografia é marcada por diversas tensões, como as resultantes das políticas públicas de diferentes governos, os discursos dos pesquisadores de Educação e Geografia, além das contradições presentes nessa rede de discursos e ações. A autora sugere, então, uma maior conexão entre a formação inicial dos professores e as práticas escolares. Pontuschka (2010, p. 457) também propõe que os "vínculos entre as disciplinas escolares e a formação universitária" sejam repensados, tanto no que diz respeito às "ciências de referência" quanto às ciências da educação.

No Brasil, a formação de professores enfrenta constantes transformações devido a fatores como a expansão das licenciaturas a distância, o avanço das tecnologias educacionais e a crescente dissociação entre a formação específica e pedagógica. Esse cenário exige um repensar das práticas formativas para atender às demandas sociais contemporâneas (Bertotti; Rietow, 2013).

Refletir sobre as políticas de formação docente, tanto inicial quanto continuada, é essencial para compreender suas conexões com os currículos atuais. Isso é ainda mais importante no contexto da Geografia Cultural, que busca preparar professores para ensinar em um ambiente caracterizado pela diversidade cultural e por múltiplas identidades. Essa análise permite identificar lacunas e propor melhorias que

enriqueçam a formação do professor de Geografia (Batista; David; Feltrin, 2019).

De acordo com Callai (2010), a vivência das formas de aprender Geografia durante a graduação estabelece as bases para ensinar a disciplina. Essa experiência amplia a visão dos futuros professores, oferecendo-lhes ferramentas para abordar a diversidade cultural e as interações sociais nos territórios. Nesse sentido, a inclusão da Geografia Cultural no currículo não apenas aprimora o conhecimento técnico dos graduandos, mas também desenvolve uma compreensão crítica e sensível às realidades culturais.

Assim, a formação docente em Geografia deve contemplar uma abordagem que valorize a complexidade das interações entre espaço, sociedade e cultura. Isso garante que os professores estejam preparados para promover uma educação que respeite e valorize a diversidade, oferecendo aos estudantes uma perspectiva mais ampla e integrada sobre o mundo em que vivem.

Para Freitas (2021, p.1), o professor, como agente social e transformador, precisa de uma:

[...] formação que dê conta de um mundo cada vez mais globalizado e problematizado por questões diversas. O professor precisa, dentro dessa lógica, ser um agente além de social, ser um agente que vê sua prática um encantamento do ser docente.

No contexto da Geografia Cultural, o professor deve ir além da simples transmissão de conhecimentos técnicos ou científicos, assumindo uma postura crítica e reflexiva sobre as interações humanas e culturais no espaço. Essa perspectiva reflete a importância de uma formação que inclua a Geografia Cultural, pois capacita o professor a lidar com as questões contemporâneas de forma crítica, contribuindo para que ele não apenas transmita conhecimentos, mas também inspire os alunos a pensar sobre o mundo de maneira ampla, contextualizada e transformadora.

Segundo Veiga e Amaral (2002), a formação inicial do professor deve oferecer uma base sólida nos âmbitos científico, cultural, social e pedagógico, indispensáveis para o exercício profissional da docência. Por outro lado, a formação continuada foca nas demandas específicas e nas situações vivenciadas pelos professores ao longo de sua prática. Essa perspectiva é particularmente relevante para a Geografia Cultural, uma área que exige atualização constante devido à natureza dinâmica das culturas e aos desafios que surgem em diferentes contextos. A análise dessas dimensões no

curso de Licenciatura em Geografia permite identificar como os conteúdos curriculares podem ser aprimorados, para garantir uma formação mais abrangente, crítica e adaptada às demandas contemporâneas.

Moreira (2001) enfatiza a importância de pensar o currículo e a formação de professores em uma sociedade cada vez mais multicultural, caracterizada pela diversidade de culturas, etnias, religiões e perspectivas de mundo, que se manifestam em diferentes campos da vida contemporânea.

No caso da Geografia Cultural, que analisa as relações entre espaço e cultura, essa reflexão torna-se ainda mais relevante, por destacar a necessidade de preparar os futuros professores para lidar com a pluralidade cultural e identitária. Nesse sentido, o currículo do curso de Licenciatura em Geografia deve ser elaborado para formar profissionais capazes de abordar o ensino de forma inclusiva, crítica e sensível à diversidade, atendendo às complexas demandas de um mundo em constante transformação.

Segundo Costa (2017, p. 2), “[...] o professor deve ser formado com uma base teórica ampla, pois será possível aplicar aos problemas do cotidiano soluções adquiridas na teoria”. A afirmação do autor é particularmente relevante quando relacionada à Geografia Cultural, pois uma sólida base teórica em Geografia Cultural permite ao docente analisar questões como identidade, territorialidade e diversidade cultural de forma crítica e contextualizada.

Espera-se que a licenciatura capacite os estudantes a desenvolverem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que lhes permitam continuamente construir seus saberes e práticas docentes, atendendo às demandas e desafios que o ensino, como prática social, apresenta em seu cotidiano (Pimenta, 2002).

No contexto da formação docente, a competência do professor não se limita ao domínio de conteúdos ou à aplicação de estratégias; trata-se de construir saberes que tenham relevância no ambiente onde o docente está inserido (Sampaio; Oliveira; Santos, 2020). Nesse sentido, a formação em Geografia Cultural no curso de Licenciatura em Geografia deve preparar os professores para conectar esses saberes às realidades culturais dos espaços ocupados por seus alunos.

A licenciatura em Geografia, como ocorre em outros cursos, organiza-se em disciplinas separadas, mas, na prática escolar cabe ao professor a tarefa de integrar, adaptar e selecionar os conhecimentos adquiridos, transformando-os em conteúdos que atendam às demandas da educação geográfica (Pereira, 2020).

A Geografia Cultural, ao explorar as interações entre cultura e espaço, oferece ao professor conceitos e ferramentas para compreender e abordar a diversidade cultural presente em sua região e no mundo. A formação teórica e prática do curso deve habilitá-lo a articular esse entendimento com as realidades socioculturais de seus alunos, promovendo uma educação geográfica que valorize tanto os contextos locais quanto as identidades culturais.

Claval (2012) aponta que o ensino superior no Brasil experimentou um rápido processo de democratização nas últimas quatro décadas. Para o autor, a formação dos geógrafos brasileiros é marcada por sua heterogeneidade, refletindo a diversidade das instituições de origem dos estudantes. Aqueles que frequentam universidades de maior prestígio geralmente recebem uma formação mais sólida, ancorada em tradições filosóficas clássicas, como as de Platão e Kant, e em correntes críticas do século XX, o que lhes proporciona uma análise geográfica com maior profundidade e respeito à construção histórica da Geografia Cultural.

Claval (2012) também destaca que essa diversidade formativa pode resultar em profissionais com bases teóricas menos estruturadas, frequentemente inclinados a se apoiar em pensadores contemporâneos, como Marx, Heidegger e Foucault, comuns no contexto francês. Tal disparidade pode gerar fragmentações no campo da Geografia, com algumas abordagens que desconsideram as raízes filosóficas clássicas, restringindo, assim, o alcance crítico e criativo da área. Essa formação heterogênea não apenas molda o perfil dos geógrafos, mas também influencia suas metodologias e teorias, evidenciando a necessidade de maior diálogo entre as diferentes correntes de pensamento que compõem a Geografia no Brasil.

A formação docente em Geografia deve considerar as transformações tecnológicas e culturais que influenciam a sociedade e a forma como os conteúdos geográficos são ensinados. Cavalcanti (2006) destaca que o desenvolvimento das tecnologias vem influenciando o mundo devido aos fenômenos e acontecimentos gerados pela comunicação em massa, resultando em um processo de homogeneização cultural. Segundo a autora, essa realidade afeta a percepção ao ponto de ser questionada a validade de categorias clássicas da Geografia, como a paisagem, que atualmente pode ser produzida e percebida virtualmente.

Nesse contexto, a finalidade da educação geográfica é contribuir para a construção de um novo pensamento geográfico, desenvolvendo modos de pensar que envolvam uma dimensão espacial (Callai, 2010).

Para Callai (2010, p. 17), “A Geografia, sendo a disciplina que estuda a sociedade a partir da abordagem espacial, analisa o espaço que apresenta a concretização/materialização das relações que acontecem entre homens e destes com a natureza”.

Além disso, Oliveira (2020) ressalta que as tecnologias contemporâneas estão moldando uma nova geração, os Centennials (geração Z), trazendo novos vocabulários, visões e valores. Esse fator deve ser considerado no ensino de Geografia, pois impacta diretamente a forma como os estudantes percebem e interagem com o espaço geográfico.

3 GEOGRAFIA CULTURAL NO CURSO DE GEOGRAFIA DA UESPI

Durante a pesquisa foi realizada a análise dos Projetos Pedagógicos do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, Campus “Poeta Torquato Neto”, de 1994, 1999, 2004 e 2013, disponibilizados pela Coordenação, aplicado um questionário para os alunos do 5º ao 8º bloco deste e realizada uma entrevista com os dez professores do curso. Os instrumentos foram aplicados no mesmo período de três semanas, do dia 16 ao dia 30 de abril de 2024.

O roteiro destinado aos professores apresentava oito perguntas discursivas enviadas por *e-mail*, e no questionário para os alunos constavam seis questões objetivas e discursivas aplicadas através do *Google Forms*.

Nesta seção, então, serão apresentados os resultados obtidos na análise dos Projetos do Curso, da entrevista realizada com os docentes e do questionário aplicado aos discentes.

3.1 Projeto Político Pedagógico

O Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) foi autorizado pelo decreto de 27 de março de 1993, juntamente com outros cursos, como Engenharia Agronômica, Pedagogia e Ciências Contábeis. O documento que fundamentou essa autorização foi elaborado em dezembro de 1992, e o curso iniciou suas atividades em março de 1993, sendo implementado oficialmente a partir de março de 1994, com a oferta de 50 vagas (UESPI, 1993).

Nos primeiros anos, percebeu-se a necessidade de reformulação curricular, pois a estrutura inicial não refletia adequadamente a relação dialética entre escola e sociedade. Assim, a primeira reestruturação foi implementada para os ingressantes do primeiro período de 1999 (UESPI, 1999). Em 2004, uma nova revisão curricular foi proposta, considerando as rápidas transformações do mundo contemporâneo. O novo Projeto Político-Pedagógico foi desenvolvido com o objetivo de fortalecer a relação entre teoria e prática, garantindo uma formação mais alinhada à realidade contextual dos futuros docentes (UESPI, 2004).

O atual Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) do Campus “Poeta Torquato Neto” em Teresina entrou em vigor em 2013, tendo mais de uma década presente na

Universidade. O Curso de Licenciatura em Geografia da UESPI é composto por 45 disciplinas, que abrangem tanto o campo teórico quanto o prático, incluindo as disciplinas práticas de Prática Pedagógica, distribuídas do primeiro ao sexto período.

Além disso, nos dois últimos períodos, os alunos realizam o Estágio Curricular Supervisionado I e II, proporcionando uma experiência prática essencial para a formação docente.

A estrutura curricular também contempla a Iniciação à Pesquisa, a Prática de Pesquisa e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), consolidando uma formação abrangente e integrada que visa preparar o futuro professor para atuar de maneira crítica e reflexiva no ensino de Geografia (UESPI, 2013)

O quadro 1 indica o fluxograma definido para o Curso no PPP de 2013.

Quadro 1 – Fluxograma do Curso de Licenciatura Plena em Geografia – 2013

BLOCO	DISCIPLINA	C /H	PRÉ – REQUISITO
1	Epistemologia da Geografia	60h	-
	Cartografia	60h	-
	Filosofia da Educação	60h	-
	Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Texto	60h	-
	Sociologia da Educação	60h	-
	Prática Pedagógica I	60h	-
	TOTAL DE HORAS 360h		
2	Introdução à Ciência Geográfica	60h	Epistemologia da Geografia
	Climatologia	60h	Cartografia
	Fundamentos Antropológicos da Educação	60h	-
	Elementos de Geologia	60h	-
	Economia Aplicada à Geografia	60h	-
	Prática Pedagógica II	60h	-
	TOTAL DE HORAS 360h		
3	Organização do Espaço	60h	Introdução à Ciência Geográfica
	Geomorfologia	60h	Elementos de Geologia
	Psicologia da Educação	60h	-
	Política Educacional e Organização da Educação Básica	60h	-
	Geografia dos Sistemas Econômicos	60h	-
	Prática Pedagógica III	70h	-
	TOTAL DE HORAS 370h		
4	Geografia Regional	60h	-
	Elementos de Pedologia	60h	-
	Geografia Agrária	60h	Organização do Espaço
	Geografia Urbana	60h	Organização do Espaço
	Didática	60h	-
	Prática Pedagógica IV	70h	-

TOTAL DE HORAS 370h			
5	Organização do Território	60h	-
	Hidrografia	60h	-
	Estatística Aplicada à Geografia	60h	-
	Geografia da População	60h	-
	Avaliação da Aprendizagem	60h	Didática
	Prática Pedagógica V	70h	-
TOTAL DE HORAS 370h			
6	Iniciação à Pesquisa em Geografia	60h	Estatística Aplicada à Geografia
	Biogeografia	60h	-
	Geografia do Brasil	60h	-
	Libras	90h	-
	Metodologia do Ensino de Geografia	60h	Didática
	Prática Pedagógica VI	70h	-
TOTAL DE HORAS 400h			
7	Prática de Pesquisa	60h	Iniciação à Pesquisa em Geografia
	Geografia do Piauí	60h	-
	Geografia do Nordeste	60h	-
	Educação e Tecnologias Contemporâneas	60h	-
	Estágio Curricular Supervisionado I	200h	Metodologia do Ensino de Geografia
	TOTAL DE HORAS 440h		
8	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	60h	Prática de Pesquisa
	Tópicos Especiais	60h	-
	Planejamento e Gestão Ambiental	60h	-
	Estágio Curricular Supervisionado II	200h	Estágio Curricular Supervisionado I
	TOTAL DE HORAS 380h		
CARGA HORÁRIA TOTAL		3.050h	
AACC'S		200h	
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO		3.250h	

Fonte: UESPI, 2013.

A sua reestruturação foi pensada para a alteração das disciplinas específicas e novas demandas para formação de professores da educação básica.

Conforme o Projeto Político Pedagógico (UESPI, 2013, p. 4):

Os aspectos de inovação do currículo consideram a inserção das premissas para a formação em Geografia através dos desafios teóricos e aplicações no contexto da sociedade. Neste sentido, a concepção de Geografia proposta se norteia na relação sociedade – natureza, na organização do espaço e em políticas territoriais e culturais.

Esse trecho do Projeto Político Pedagógico evidencia a intenção de alinhar o currículo às demandas da sociedade, enfatizando a relação entre sociedade e

natureza, organização espacial e políticas territoriais e culturais. O documento busca cobrir uma gama diversificada de temas relacionados à Geografia.

O Projeto Político Pedagógico pode ter sido estruturado com base nas demandas do mercado de trabalho e nas diretrizes nacionais para cursos de Licenciatura em Geografia. Disciplinas mais generalistas podem ser privilegiadas em vez de abordagens especializadas, como a Geografia Cultural, para garantir uma formação abrangente que possibilite atuação em diferentes áreas da Geografia.

Também é mencionado no texto do Projeto Político Pedagógico que o Curso de Geografia busca ensinar para os formandos valores, como respeito ao outro e às diferenças, citadas como culturais, religiosas, étnicas e políticas. A promoção de valores é um componente fundamental da formação de um geógrafo, e embora o Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí, Campus “Poeta Torquato Neto”, não tenha uma disciplina dedicada exclusivamente à Geografia Cultural, esses valores ainda podem ser implementados.

O respeito às diferenças culturais pode ser abordado transversalmente em diversas disciplinas. Por exemplo, disciplinas como Geografia Humana, Geografia Política, ou mesmo aquelas focadas em Meio Ambiente, podem incluir debates sobre diversidade cultural, territorialidades e conflitos relacionados à identidade e religião. Embora o foco principal dessas disciplinas não seja a Geografia Cultural, a inclusão de leituras, debates e análises de casos culturais pode garantir que esses temas estejam presentes no curso.

Portanto, mesmo sem uma disciplina dedicada exclusivamente à Geografia Cultural, os valores podem ser implementados através de uma abordagem transversal e interdisciplinar. O importante é garantir que esses valores estejam presentes em diferentes momentos do curso, seja em discussões teóricas, práticas de campo ou atividades complementares.

O Projeto Político Pedagógico do curso propõe, dentro da metodologia trabalhada no Curso de Geografia, que devem propiciar práticas coerentes com o conhecimento geográfico a fim de favorecer aos professores, e em especial aos alunos, a elaborarem novos conhecimentos.

Ao investigar símbolos, rituais, religiões, ou mesmo a arte e arquitetura locais, o professor pode contribuir para os alunos entenderem que o espaço não é apenas físico, mas carregado de significados culturais.

A Geografia Cultural pode ser usada para elaborar novos conhecimentos sobre

a coexistência e os conflitos entre diferentes culturas em um mesmo território. A disciplina pode fornecer ferramentas para entender como as paisagens refletem valores culturais e identidades.

A inclusão de Geografia Cultural nas práticas de ensino pode incentivar o uso de metodologias inovadoras, como a cartografia social ou a análise de narrativas culturais. Essas metodologias incentivam os alunos a participar ativamente da construção do conhecimento, através de pesquisas de campo, mapeamentos colaborativos ou análise de narrativas que revelam a diversidade cultural presente em diferentes territórios. Isso facilita a criação de novos conhecimentos, através dos quais os alunos se tornam investigadores do seu próprio espaço.

No entanto, a ausência de uma disciplina específica de Geografia Cultural pode gerar uma lacuna na formação dos estudantes, especialmente quando o próprio Projeto Político Pedagógico do curso tem como proposta discutir cultura.

A Geografia Cultural é fundamental para a compreensão de como a cultura se expressa no espaço geográfico, influenciando práticas e percepções sobre o ambiente. Sem ela, a abordagem sobre cultura no curso pode se tornar limitada ou superficial, contrariando o próprio objetivo mencionado na citação.

Nesse contexto, a formação ética e o comprometimento com as questões culturais demandam uma abordagem aprofundada e consistente que apenas disciplinas voltadas para essa temática podem oferecer.

3.2 Resultado dos professores

Foi aplicado uma entrevista para dez professores do Curso de Licenciatura em Geografia do Campus “Poeta Torquato Neto” com a intenção de identificar a opinião deles a respeito da abordagem cultural e como seria a implementação da Geografia Cultural no Curso de Geografia, se obtendo como retorno das respostas de cinco professores, dentre os dez docentes efetivos, se configurando em 50% deste total.

A primeira pergunta da entrevista com os professores foi sobre sua formação, pedindo para que fosse acrescentada a área de atuação na IES, a modalidade do curso e a pós-graduação, como indicado no quadro 2.

Quadro 2 – Formação Acadêmica

Professor	Resposta
A	Licenciado e Doutor em Geografia. Licenciado e atuando há 32 anos na UEMA e UESPI, nas modalidades presencial e à distância.
B	Licenciatura Plena em Geografia (1985) e em Ciências Biológicas (1997) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialização em Ecoturismo, Educação e Interpretação Ambiental (2002) pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), Minas Gerais. Especialização em Literatura, Estudos Culturais e outras linguagens (2015) pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Mestrado em Educação (2000) pelo Instituto Pedagógico Latino-Americanano e Caribenho (IPLAC) e UESPI. Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (2004) pela rede PRODEMA/UFPI. Doutorado em Geografia (2010) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-doutorado em Geografia (2019) pelo PPGGEO/ UFPI.
C	Graduação em Geografia; Especialização em Gestão Ambiental; Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente.
D	Doutora em Geografia há 36 anos
E	Bacharelado – UECE (2001); Mestrado em Geografia – UECE (2003); Doutorado em Geografia – UFPE (2012).

Fonte: Da própria autora, 2024.

Em relação à formação acadêmica, é possível observar que os professores entrevistados possuem especializações diversas nas áreas de seu interesse. A maioria também possui doutorado em áreas da Geografia que vão de encontro com a temática da pesquisa.

Na segunda questão, foi perguntado se o professor teve algum tipo de estudo sobre Geografia Cultural na sua graduação ou em sua pós-graduação. A resposta dos professores foi positiva. Isso ajuda na compreensão de que a Geografia Cultural está de fato presente no curso de Geografia, fazendo-se necessário um estudo do processo de graduação dos discentes do Campus Poeta Torquato Neto, como observado no quadro 3.

Quadro 3 – Estudo Sobre Geografia Cultural

Professor	Resposta
A	“Tive a oportunidade de pagar créditos no doutoramento. Foi minha primeira experiência, mesmo conhecendo a contribuição da Fenomenologia para a evolução do pensamento geográfico.”
B	“Na formação inicial na graduação em Geografia não é possível dizer que sim, considerando a época em que fiz o curso, mas me recordo de momentos de debates (não foram muitos) não exatamente sobre a Geografia Cultural, mas sobre a perspectiva da cultura na análise geográfica na disciplina de Geografia Regional, bem como também na de Evolução do Pensamento Geográfico, mas sem aprofundamento. Já na pós-graduação, considerando que já me interessava sobre a relação entre Geografia e Literatura tendo iniciado uma leitura preliminar a partir de um trabalho que apresentei em coautoria com minha irmã que é formada em Letras e doutora em Literatura, sobre a relação entre os Oceanos e o ser humano na obra “Odisseia” e depois em 2011-2012 com a execução de um projeto de iniciação científica especificamente tratando desta análise na obra “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen, posso dizer que realmente foi o ponto de partida para estudar sobre a Geografia Cultural. Por isso, em 2014, decidi fazer uma especialização oferecida pelo Curso de Letras Português da UESPI para adquirir mais informações sobre a inserção dos Estudos Culturais na Literatura e poder trabalhar melhor com a Geografia Cultural em projetos futuros. De lá para cá, venho estudando sempre mais, quando possível, continuando a desenvolver projetos de pesquisa, orientando TCC de graduação relacionados e participando de bancas, tanto de graduação como de pós-graduação em Geografia, que tratam desta perspectiva”
C	“Não”
D	“Sim. No doutorado. Sobre a Região do Nordeste. A professora trabalhou na perspectiva da geografia cultural”.
E	“Não. Apenas em leituras para pesquisas”.

Fonte: Da própria autora, 2024.

Diante das respostas do quadro 3, é interessante pontuar que apenas um dos professores não obteve nenhum tipo de estudos voltados para a Geografia Cultural na sua pós-graduação. Além disso, o professor E afirma que, apesar de não ter tido estudos relacionados ao tema, utiliza este em suas leituras para pesquisas.

A terceira pergunta feita na entrevista dos professores foi voltada para eles

indicarem sua visão sobre a importância da Geografia Cultural na formação do professor de Geografia e na própria formação deles, como registra o quadro 4.

Quadro 4 – Importância da Geografia Cultural na formação do professor de Geografia e para a formação própria

Professor	Resposta
A	“Essencial, na medida que poderá contribuir para uma melhor leitura dos conceitos de lugar e região no contexto dos discentes.”
B	“Acredito que seja essencial o professor de Geografia abordar em suas aulas aspectos referentes à cultura, considerando a diversidade que o Brasil apresenta, para então colaborar com um ensino mais inclusivo, e contribuir também com a formação do aluno, no sentido dele desenvolver um raciocínio crítico e analítico sobre si, seu contexto de inserção e a realidade que o cerca. Para isso, é importante que sua formação inclua a Geografia Cultural de alguma forma. No que se refere à minha formação, como já relatado, na graduação o contato foi muito superficial. No entanto, com o passar do tempo e com as leituras e trabalhos, entendo que a Geografia Cultural se tornou um viés significativo para melhor compreensão das particularidades humanas a partir das diferentes formas de manifestar sua cultura no espaço, concreto, ficcional ou virtual.”
C	“A Geografia Cultural na formação do professor é de suma importância, por possibilitar o contato do docente com diversas atividades culturais que envolvem a população de um determinado lugar (local, região, país, etc.), ou seja, as ações sociais homem/homem.”
D	“É importante, pois nos dá uma visão holística da questão cultural”.
E	Optou por não responder.

Fonte: Da própria autora, 2024.

Os professores possuem opiniões semelhantes a respeito da importância da Geografia Cultural para a formação do professor de Geografia. Os três entrevistados entendem que a Geografia Cultural contribui para uma melhor compreensão de conceitos como lugar e região, que estão ligados a atividades culturais. O professor B acrescenta ainda que, para sua própria formação, “a geografia cultural se tornou um viés significativo para a melhor compreensão das particularidades humanas [...]”.

Para entender um pouco melhor como os professores utilizam a Geografia

Cultural em suas aulas, foi perguntado a eles se eles introduzem algum tipo de debate sobre a temática, como expresso no quadro 5.

Quadro 5 – Debate sobre Geografia Cultural nas aulas

Professor	Resposta
A	“Nos estudos sobre o conceito de lugar, é essencial demonstrar para os discentes a importância da contextualização do espaço a partir das expressões culturais.”
B	“Em especial, sobre a própria Geografia Cultural enquanto abordagem geográfica na disciplina Iniciação à Pesquisa em Geografia (Bloco 6), quando fazemos uma exposição dialogada com os estudantes sobre esta. Também procuro estabelecer relação, na medida do possível, com os conteúdos das outras disciplinas que ministro, sendo um pouco mais complexo por se tratar do estudo dos aspectos naturais do espaço, ou seja, Geomorfologia (Bloco 3), Hidrografia (Bloco 5) e Biogeografia (Bloco 6)”.
C	“Não possui”.
D	“Não possui”.
E	“Não possui”.

Fonte: Da própria autora, 2024.

Assim, o professor A falou sobre o conceito de lugar e espaço que devem ser atrelados à Geografia Cultural. O professor B também citou o espaço em sua resposta, mas com ele voltado aos aspectos naturais do espaço, como a Geomorfologia, Hidrografia e Biogeografia. Para Lefèvre (2006), essa relação entre espaço e cultura vem de práticas e reproduções humanas que são inseridas na sociedade, sendo assim estão ligadas.

Para entender se há a abordagem atualmente da matéria, também foi questionado se a Universidade Estadual do Piauí, Campus “Poeta Torquato Neto” prepara os estudantes sobre a Geografia Cultural, com as respostas resumidas no quadro 5.

Quadro 5 – Preparação da UESPI para com os estudantes sobre Geografia Cultural

Professor	Resposta
A	“Não”
B	“No ponto de vista curricular, isto é, com disciplina específica, acho que não. Entretanto, através das aulas, debates dentro e fora da sala de aula, nos eventos, no desenvolvimento de estudos e pesquisas, acredito que já se delineiam conteúdos da Geografia Cultural.”
C	“Sim. Principalmente quando envolve assuntos: população e sociedade.”
D	“Não”.
E	“De alguma forma sim. Integrado a algumas disciplinas”.

Fonte: Da própria autora, 2024.

Neste quesito, apenas o professor C disse que sim, envolvendo a questão de população e sociedade. Dessa forma, reforça-se a ideia de que a cultura, especificamente ligada à Geografia, está conectada com a sociedade e o espaço social dentro dela inserido.

Entre as questões da entrevista com os professores também foi perguntado como eles veem a inserção da Geografia Cultural como assunto ou disciplina no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia, com as respostas indicadas no quadro 6.

Quadro 6 – Contribuição da Geografia Cultural no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia – Campus “Poeta Torquato Neto”

Professor	Resposta
A	“O PPC a ser introduzido no curso de Geografia da UESPI possui a disciplina de Geografia Cultural”.
B	“Não. No Projeto em vigência do curso elaborado em 2013, não consta a disciplina Geografia Cultural. Entretanto, a perspectiva do ensino proposto se volta para a compreensão de questões globais e locais e étnicos culturais, sendo um dos objetivos específicos do curso o reconhecimento por parte dos alunos, a partir do desenvolvimento dos componentes curriculares, no que diz respeito às diferentes identidades culturais como forma de respeito às etnias e à diversidade piauiense e brasileira. Além disso, na disciplina Geografia Urbana (bloco 4), a ementa prevê estudo sobre a cidade e sua origem ao longo do tempo, considerando processos econômicos e culturais.”

	Se tem um pouco sobre cultura também na disciplina Fundamentos Antropológicos da Educação (bloco 2), que traz na ementa sobre o conceito antropológico de cultura e suas categorias fundamentais e a abordagem sociocultural da educação: identidade e diversidade cultural. Só não sei informar como acontecem de fato essas abordagens, pois não ministro as disciplinas citadas, e a de Fundamentos não é ministrada por um professor de Geografia, e ainda a abordagem de cultura é antropológica, e não geográfica”.
C	“Não conheço”.
D	“Não”.
E	“Não”.

Fonte: Da própria autora, 2024.

O professor A reconhece que haverá a introdução da disciplina na nova proposta do currículo disciplinar do curso. O professor B disse de maneira explicativa que, apesar de ter disciplinas que abordam a Geografia Cultural ainda não foi inserida. Os outros professores expressaram de forma negativa.

Antes de finalizar a entrevista, foi feita uma pergunta sobre a criação de uma disciplina relacionada à Geografia Cultural na grade curricular do Curso de Licenciatura em Geografia, Campus “Poeta Torquato Neto”, conforme se refere o quadro 7.

Quadro 7 – Criação da disciplina Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia da UESPI

Professor	Resposta
A	“Importante”.
B	“Com certeza é importante e necessária. É um debate essencial para a formação do professor de Geografia que se espera no contexto social atual, com tanta diversidade em todos os sentidos. Confiamos que será um ganho significativo para o nosso curso, mas especialmente para os futuros licenciados em Geografia a partir da implementação do novo projeto pedagógico”.
C	“Sou a favor, pois é excelente sugestão”.
D	“Muito importante, pois em Iniciação à Geografia não dá para abordar em virtude do tempo”.

E	"Seria interessante, pois a Geografia Cultural pode proporcionar uma análise de todos os fenômenos de uma organização social".
---	--

Fonte: Da própria autora, 2024.

Todos os professores entrevistados foram a favor da inserção da disciplina. Vê-se assim que é uma matéria necessária para a melhor compreensão dos aspectos da Geografia e na formação dos alunos deste curso, já que a Geografia Cultural é uma parte da ciência geográfica que está presente no cotidiano das pessoas. Isto é, seja na universidade, em uma escola, em ritos da religião ou em qualquer meio social, a cultura se sobressairá.

Para finalizar a entrevista, foi feita uma pergunta mais geral sobre o que deveria melhorar no Curso de Licenciatura em Geografia, Campus “Poeta Torquato Neto”, conforme quadro 8.

Quadro 8 – Melhorias para o Curso de Licenciatura em Geografia da UESPI

Professor	Resposta
A	“Melhoria na infraestrutura da UESPI para possibilitar aos professores e alunos espaços para o desenvolvimento de pesquisas em conjunto”.
B	“Sem dúvida nenhuma há uma necessidade expressiva de melhorias no quesito de infraestrutura física para que as atividades de ensino, pesquisa e extensão do curso pudessem se desenvolver de forma mais eficiente, como, por exemplo, mais laboratórios, auditórios, salas de aulas e para professores, etc. Importante também ampliação dos programas que fornecem bolsas de incentivo para os alunos, mas também seria essencial que os professores pudessem também receber bolsas para melhor desenvolver suas atribuições, principalmente de pesquisa”.
C	“O envolvimento maior nos assuntos Ambiente e Social”.
D	“Já estamos com uma nova proposta para o currículo que vai dinamizar mais o curso”.
E	“Muitas coisas em várias perspectivas: mais condição de tempo para a execução de algumas atividades acadêmicas; mais professores; reacomodação da ordem de algumas disciplinas na grade curricular; maior integração entre as disciplinas do Curso”.

Fonte: Da própria autora, 2024.

A infraestrutura foi citada por dois dos professores, já que é um desafio real no Campus “Poeta Torquato Neto”. Além disso, o professor C também citou que seria bom que ocorresse um maior envolvimento sobre assuntos relativos ao ambiente e ao social, mas não detalhou estes assuntos.

O Campus “Poeta Torquato Neto” da UESPI vivenciou no ano de 2024 muitas reformas, ainda em continuidade, envolvendo parte da questão de infraestrutura abordada na entrevista com os professores, o que pode atender de certa forma à expectativa expressada pelos docentes.

A aplicação das entrevistas com os professores do curso foi produtiva. Os cinco professores demonstraram disposição em participar, o que facilitou a condução da entrevista. As respostas fornecidas foram extremamente valiosas e contribuíram significativamente para a pesquisa.

Assim, o comprometimento e a clareza dos entrevistados enriqueceram os resultados, permitindo uma compreensão mais abrangente sobre a Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia da UESPI.

3.3 Resultado dos alunos

Foi aplicado um questionário pelo *Google forms* para 60 alunos do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Piauí, Campus “Poeta Torquato Neto”, recebendo um retorno de 29 respostas, configurando 48% do total.

Durante o período em que foi aplicado o questionário, o curso de Licenciatura Plena em Geografia contava com 172 alunos totais matriculados.

O questionário foi aplicado nos blocos 5, 6, 7 e 8 do curso, pois a partir do bloco 5 do Curso, os estudantes já tiveram disciplinas como Organização do Espaço, Geografia Regional, Geografia Urbana e Geografia da População, que podem trabalhar com a Geografia Cultural nos seus conteúdos. Dessa forma, os estudantes teriam uma base melhor para responderem ao questionário.

Para iniciar o questionário, foi primeiramente perguntado qual o bloco de que cada aluno participa, conforme tabela 1.

Tabela 1 – Bloco do Estudante

Bloco	Quantidade de alunos	%
5°	7	24,1
6°	6	20,7
7°	7	24,1
8°	9	31,0
Total	29	100

Fonte: Da própria autora, 2024.

A tabela 2 foi direcionada a entender quantos alunos já possuíam alguma outra formação, visando verificar se esses alunos teriam ou não uma melhor compreensão sobre a Geografia Cultural.

Tabela 2 – Formação em outro curso superior

Resposta	Quantidade de alunos	%
Sim	2	93,1
Não	27	6,9
Total	29	100

Fonte: Da própria autora, 2024.

Neste aspecto, a resposta obtida indicou que a maioria dos alunos não possui outra graduação, o que pode inferir em estudos ainda não aprofundados em relação ao aspecto da cultura na Geografia, pois estão em processo de formação.

A partir da tabela 3, as perguntas foram mais voltadas para a abordagem da Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia, Campus “Poeta Torquato Neto”.

Tabela 3 – Abordagem da Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia, Campus “Poeta Torquato Neto”.

Resposta	Quantidade de alunos	%
Sim	14	48,3
Não	15	51,7
Total	29	100

Fonte: Da própria autora, 2024.

Assim, foi possível entender que os alunos tendem a estar de certa forma divididos na resposta, uma vez que 51,7% consideram que o Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí, no Campus em questão, não abrange os conteúdos sobre Geografia Cultural. Esses alunos, em sua maioria, estão entre os blocos 5 e 6. Os outros 48,3%, alunos dos blocos 7 e 8, responderam sim para a questão. A vivência na universidade em diferentes oportunidades de ensino, pesquisa e extensão, associada ao conjunto de disciplinas a mais cursadas, pode ter sido fator preponderante na pequena diferença apresentada na quantificação do resultado.

Isso é corroborado porque no 7º e 8º bloco os alunos estudam mais matérias voltadas à cultura, como Geografia do Piauí e Geografia do Nordeste. Assim, esse fato pode acarretar um conhecimento maior sobre a Geografia Cultural do que nos dois blocos anteriores.

Para entender melhor as respostas dos alunos que responderam “sim” à pergunta referente à tabela 3, também foi pedido para que eles respondessem como a Geografia Cultural foi abordada durante o período em que se encontram na UESPI. Deste modo, a pergunta foi direcionada apenas aos alunos que responderam que sim, conforme o quadro 9.

Quadro 9 – Abordagem da Geografia Cultural

Aluno	Resposta
1	“Os assuntos só começam a ser abordados no curso a partir do 4 período. Quando são introduzidas as disciplinas de regional, urbana e agrária. Mesmo assim, são abordados superficialmente, não se aprofundando nessas questões”.
2	“Dentro das correntes geográficas nas disciplinas: Epistemologia, Introdução à Ciência Geográfica e Organização do Espaço”.
3	“Está sendo abordado através do conceito de paisagem, onde a geografia cultural é presente, principalmente na ação antrópica perante este conceito que transforma a paisagem natural em social, colocando principalmente a sua identidade no espaço”.
4	“Aspectos físicos e humanos influenciando no desenvolvimento do espaço geográfico de lugares, regiões e paisagens, remodelando o território cultural de muitos municípios brasileiros”.
5	“Abordada, mas não se aprofunda tendo em vista a concentração nas principais correntes”.

6	"Muito pouco abordado, acredito que de uma maneira muito superficial, observa-se que é um pouco abordado quando se fala do conceito de região e também quando se estuda sobre a geografia da população".
7	"Algumas poucas vezes durante o curso pude ouvir os professores mencionarem uma chamada Hegemonia Cultural que alcança toda a sociedade terrestre dentro do assunto da Globalização, e essa hegemonia tenta alcançar uma aproximação cultural entre os povos".
8	"De forma bem superficial, sem um grande aprofundamento de conceitos ou definições, sendo utilizada na maior parte das vezes apenas como exemplo dentro das disciplinas de geografia regional e geografia do nordeste, por assim citadas".
9	"A Geografia Cultural é abordada na Feira Piauí – Nordeste no 7 Bloco com orientação das professoras Maria Suzete – Geografia do Piauí e Joana Aires – Geografia do Nordeste".
10	"O tema é citado em conteúdos que tratam da sociedade, lugar, espaço, entre outros, porém, apesar de um tema importante, o assunto termina por ser abordado insuficientemente, menos do que deveria".
11	"De maneira ampla, abordando a realidade cultural e a formação espacial influenciada pelas características sociais. Algumas disciplinas que abordam essa temática: Urbana, Organização do espaço, População".
12	"Trabalhos, aula de campo, pesquisas documentais e bibliográficas".
13	"De uma forma inserida nas disciplinas".
14	"De uma maneira na minha visão limitada".

Fonte: Da própria autora, 2024.

A maioria dos alunos acredita que a Geografia Cultural foi abordada a partir do quarto bloco, quando é estudada a disciplina de Geografia Regional. Além disso, também foram citadas outras disciplinas do primeiro bloco, como Epistemologia, e algumas do sétimo bloco, como Piauí e Nordeste.

De fato, as disciplinas citadas, especialmente Geografia do Piauí e Geografia do Nordeste, possuem caráter cultural, pois não se pode falar do espaço geográfico das duas localidades sem falar dos seus costumes, trabalhos, patrimônios e religiões, ou seja, a cultura.

Apesar dessa abordagem, foi possível perceber que alguns alunos, como os alunos 5, 6, 8, 10 e 14, consideram essa abordagem superficial e insuficiente. Eles apontam que, dessa forma, não possuem uma base completa para entender a

realidade da Geografia Cultural no seu processo de formação.

A quinta questão teve por intuito saber como os alunos analisam a importância da Geografia Cultural em sua formação, conforme observado no quadro 10.

Quadro 10 – Geografia Cultural na Formação do Professor de Geografia

Aluno	Resposta
1	“A Geografia Cultural é fundamental para a formação do professor de Geografia, pois permite uma compreensão mais ampla e profunda das relações entre as sociedades humanas e o espaço. Ela ajuda a entender como as diferentes culturas se manifestam e interagem com o ambiente, contribuindo para uma abordagem mais integrada e contextualizada do ensino da Geografia”.
2	“Disserta sobre a compreensão de conceitos culturais, modos de culturas diversas, como exemplo das manifestações culturais presentes no cotidiano brasileiro”.
3	“Tem grande importância, pois para a formação plena do profissional em geografia, o professor, é essencial estar ciente de todas as correntes de pensamento, métodos e metodologias em Geografia”.
4	“Percepção da cultura humana nos conceitos geográficos”.
5	“Para uma concepção denotativa da sociedade e suas características que a definem”.
6	“Na formação do professor, é essencial que ele tenha uma visão espacial de como tudo funciona e as questões culturais estão inseridas no meio”.
7	“É crucial na formação do professor de Geografia, pois ajuda a compreender como as pessoas interagem com o espaço, suas culturas e identidades”.
8	“Julgo de suma importância, pois nos ajuda a melhor compreender não só sobre a cultura local, mas também sobre as culturas de outros Estados, Regiões, Países e Continentes”.
9	“Importante para compreender a sociedade e como a cultura influência na organização das relações sociais que exerceram influência no espaço geográfico e na relação dos indivíduos com o mesmo”.
10	“Importante, pois considera o fenômeno cultural, da experiência de forma central na formação do homem”.
11	“É muito importante, pois a partir da Geografia Cultural podemos compreender a relação social com a cultura, e como ela se manifesta na sociedade, e quais são as suas formas de interações. O que torna muito importante para a formação do professor de Geografia”.

12	"Compreender como as pessoas se relacionam e produzem dentro do espaço, identificar diferenças entre os ciclos sociais que ajudem a entender como cada um deles se desenvolveu".
13	"Contribui para o desenvolvimento de uma visão mais ampla e crítica sobre as relações entre sociedade e espaço".
14	"Creio que esse conhecimento seja imprescindível para os docentes e discentes na academia, pois esse conhecimento pode formar professores capazes de conduzir pessoas conhecedoras das diferenças culturais que existem contribuindo assim para que os povos possam entender-se melhor e para que haja mais compreensão e harmonia no globo".
15	"É de extrema importância, pois no mundo atual temos uma diversidade muito grande de culturas, religiões, línguas e formas de expressar a arte que com a globalização acabaram ficando ainda mais em evidência, o que faz com que os alunos em sala de aula tenham interesses e dúvidas sobre essas diversas culturas, o que implica que os professores de geografia necessitam estar atualizados do assunto, precisando assim do suporte dessa disciplina para a sua formação".
16	"Auxilia o professor a aproximar as características territoriais e culturais da região em que ele leciona para os discentes, aproximando o conteúdo da disciplina ao cotidiano dos alunos".
17	"A geografia cultural trata da sociedade e sua interação com o ambiente em que vive, tratando aspectos culturais, religião e identidade. A partir disso, podemos perceber a sua importância na formação do professor de Geografia e como esse tema pode ser abordado em sala de aula, trazendo e trabalhando-o não só em um contexto global como também próximo a um contexto local, mais próximo aos alunos".
18	"É muito importante, pois é um ramo da geografia humana".
19	"Corrobora para o entendimento mediante a organização espacial heterogênea com base nas ações sociais no espaço".
20	"De extrema importância para a formação, pois auxilia na aprendizagem significativa tanto para o acadêmico quanto para ser aplicado após a formação acadêmica".
21	"Compreender os aspectos culturais que compreendem a organização do espaço geográfico".
22	"Não tenho muitas informações a respeito dessa linha da Geografia".
23	"As discussões em torno da temática têm tomado espaço, os alunos já apresentam demandas. Inclusive, desse modo, o curso de formação precisa

	dar essa base ao futuro professor de Geografia”.
24	“Tem uma importância fundamental na construção das bases da geografia, acho que para a gente ter um entendimento completo da geografia a parte cultural se torna necessária”.
25	“Para mim, é de suma importância, pois através dos estudos sobre a Geografia Cultural podemos entender e conhecer melhor a diversidade presente no mundo, ao passo que também podemos compreender as dinâmicas que cercam este assunto”.
26	“Essencial”.
27	“A Geografia Cultural é fundamental na formação de professores, pois ajuda a compreender como as culturas influenciam e são influenciadas pelo espaço geográfico. Isso permite aos educadores desenvolverem uma visão mais ampla e contextualizada das sociedades, contribuindo para uma educação mais rica e inclusiva”.
28	“É indispensável, para que o geógrafo tenha uma visão mais abrangente da Geografia em diversos âmbitos interessantes”.
29	“Aprender a cultura é também aprender a construção histórica de sociedade e como essa sociedade se apresenta no espaço geográfico”.

Fonte: Da própria autora, 2024.

A questão trouxe quatro temas recorrentes nas respostas dos alunos, como a relação entre o espaço geográfico e a cultura, as diferentes manifestações de cultura, as diferenças entre religiões e as identidades.

Dentre as respostas mais frequentes, destacou-se a significativa interconexão entre o espaço geográfico e a cultura. Os alunos enfatizaram como o ambiente físico influencia e molda práticas culturais, modos de vida e tradições. Outro tema recorrente foi a diversidade de manifestações culturais. As respostas indicaram um reconhecimento da cultura como um fenômeno que se expressa de variadas formas. As diferenças entre religiões também foram amplamente mencionadas e, por fim, o tema das identidades foi outro ponto-chave nas respostas.

Para finalizar o questionário, foi feita uma pergunta sobre o que os alunos acham sobre a implementação da disciplina da Geografia Cultural no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, do Campus “Poeta Torquato Neto”, conforme o quadro 11.

Quadro 11 – Implementação da disciplina Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia, Campus “Poeta Torquato Neto”

Aluno	Resposta
1	“A inclusão dessa disciplina proporciona aos futuros professores uma base teórica e prática sólida para compreender e abordar as interações entre as sociedades humanas e o espaço geográfico. Isso os capacita a transmitir aos alunos uma visão mais abrangente e crítica das relações entre cultura e território, enriquecendo o ensino da Geografia”.
2	“A implantação da Geografia Cultural, deve ser implementada se atender aos critérios das grades curriculares como a demais disciplinas, lecionadas por um corpo docente técnico e aborde o conteúdo de maneira ética, valorizando os princípios e valores morais e tolerância as todas as manifestações culturais com suas contribuições a sociedade brasileira”.
3	“Penso que é um avanço significativo, pois se trata de uma corrente geográfica da atualidade, que tem grande destaque e abrangência”.
4	“Seria muito enriquecedor para nossa formação”.
5	“É uma iniciativa que deve ser realizada para melhor formação e entendimento do profissional da Educação e, consequentemente, surgirem Projetos Político-Pedagógicos nas demais escolas e instituições públicas”.
6	“Ótima ideia”.
7	“A implantação da disciplina de Geografia Cultural seria totalmente um “diferencial”, pois estaria abordando uma parte da Geografia um pouco desconhecida, mas muito importante para a formação docente”.
8	“Eu acho interessante, pois já nos capacita para darmos o conteúdo em sala de aula, como também nos ajuda até mesmo a conhecer as culturas de fora da nossa região”.
9	“Acho que a mesma pode ser abordada dentro de certas disciplinas com mais cuidado, como na introdução à ciência geográfica”.
10	“Uma ótima ideia”.
11	“Acredito que é muito importante, pois podemos compreender a relação da sociedade com a cultura no espaço geográfico e como o espaço geográfico se transforma a partir da interrelação entre ambos”.
12	“Acredito que seja de fundamental importância”.
13	“Pode trazer benefícios significativos para a formação dos futuros professores”.

14	"Uma rica aquisição para a grade curricular do curso".
15	"Acho que, apesar de ser uma disciplina que agregaria bastante o currículo do curso de Geografia e a formação dos alunos, seria difícil implementar a disciplina, pois o déficit de professores é muito grande".
16	"Uma aquisição excelente ao currículo do curso".
17	"Seria de suma importância. Uma disciplina de muito valor cultural e enriquecedora para a formação dos professores de Geografia".
18	"Muito importante para a formação de professores de Geografia".
19	"Uma proposta extremamente positiva".
20	"Muito importante, porém, deve-se levar em conta o quantitativo dos professores e a carga horária do curso para tal implementação".
21	"Relevante, no sentido de que a cultura é base para a existência de uma sociedade e influência nas percepções dos indivíduos acerca dos espaços de vivência".
22	"Acho bem interessante, porque é sempre importante saber um pouco de cada linha de pensamento que a Geografia trabalha".
23	"Chegou tarde. É extremamente necessária, pois as discussões que ela carrega também fazem parte das vivências/cotidiano dos estudantes".
24	"Acho que seria fundamental".
25	"Muito importante, pois é necessário que possamos aprender sobre um assunto que expressa em seu teor fundamentais valores como o respeito e tolerância, além da riqueza de conhecimento que é oferecido".
26	"Necessária".
27	"Sua implementação no curso de Licenciatura em Geografia pode enriquecer a compreensão dos estudantes sobre a interação entre sociedade e espaço, preparando-os para abordar questões sociais, políticas e culturais de forma mais abrangente".
28	"Excelente ideia".
29	"Muito importante, pois teremos um enriquecimento em nosso estudo acadêmico e passaremos a implementar esse conhecimento nas escolas em que teremos contato".

Fonte: Da própria autora, 2024.

Os estudantes identificaram diversos benefícios e aspectos essenciais relacionados a essa nova inclusão curricular, demonstrando um forte apoio à disciplina e reconhecendo sua importância para a formação acadêmica e profissional.

Muitos alunos veem na Geografia Cultural uma oportunidade de expandir seus horizontes e adquirir um entendimento mais globalizado. Isso é especialmente relevante em um mundo cada vez mais interconectado, onde a compreensão das culturas estrangeiras é vital para diversas áreas profissionais e acadêmicas.

A maioria dos alunos afirma que a cultura deve ser vista como a base da sociedade. Eles destacaram que a disciplina de Geografia Cultural permitirá uma análise mais profunda das estruturas sociais e das forças que moldam as identidades coletivas.

4 CONCLUSÃO

Em conclusão, fica claro que a implementação da disciplina voltada para a Geografia Cultural na grade curricular do Curso de Licenciatura em Geografia é importante tanto para os alunos obterem uma melhor compreensão cultural considerando a diversidade de culturas presentes no Brasil e externas a ele, como para enriquecer ainda mais as diversas disciplinas que vão de encontro com a Geografia Cultural.

Além disso, também fica evidente que tanto para os professores como para os alunos a implementação da Geografia Cultural como disciplina curricular do Curso de Licenciatura Plena em Geografia no Campus “Poeta Torquato Neto” é necessária, na medida que durante as entrevistas e questionários, ambos mostram o interesse de estudar mais sobre a disciplina e como ela enriqueceria o currículo do curso. Durante a análise da entrevista com os professores foi possível observar que a maioria deles possui estudos sobre a área e trabalha com ela. No questionário mais abrangente dos alunos foi possível entender sua visão como futuros professores de Geografia.

Durante a pesquisa, foram enfrentadas algumas dificuldades, como obter inicialmente poucas respostas dos professores do curso, pois foram solicitadas dez entrevistas e obtidas apenas três respostas, durante o período de 2023.2. Desta forma, sendo necessário o reenvio no período de 2024.1, se conseguindo obter mais duas respostas dos professores, totalizando cinco respostas dos professores para finalizar a análise dos quadros que fundamentam a pesquisa.

O questionário para os alunos também foi aplicado com certa dificuldade, pois foi necessário enviar várias vezes para os alunos responderem, contando também as vezes em que foram feitos encontros presenciais para pedir a colaboração dos estudantes do 5º ao 8º bloco.

Além disso, também foi necessário fazer uma análise documental do Projeto Pedagógico do Curso vigente, mas não houve transtorno para realizar esta etapa.

Dessa forma, é de suma importância para os alunos terem a abordagem da cultura na Geografia. No contexto da sala de aula, a Geografia Cultural se torna indispensável, pois é com ela que os professores abrangem a identidade dos alunos nas aulas. Na universidade, para uma graduação em Geografia completa também se faz necessária, pois sua abordagem, se superficial, vai exigir algo mais específico na grade curricular do curso, visando uma melhor formação do licenciado na área.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, N. L.; DAVID, C.; FELTRIN, T. Formação de professores de geografia no Brasil: considerações sobre políticas de formação docente e currículo escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 23, e13, p. 2-21, 2019.
-
- BERTOTTI, R. G.; RIETOW, G. Uma breve história da formação docente no Brasil: da criação das escolas normais às transformações da Ditadura Civil-Militar. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 11., 2013, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: PUC/PR, 2013. p. 1-12.
- CABRAL, T. M. Geografia escolar brasileira e epistemologia da Geografia: teoria e prática na formação docente. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 14, n. 24, p. 5-34, jan./dez. 2024.
- CAETANO, J. N; BEZZI, M. L. Contribuições teóricas sobre geografia cultural: a evolução do conceito de cultura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 38, n. 2, p. 243-258, mai./ago. 2013.
- CALLAI, H. C. A Educação geográfica na formação docente: convergências e tensões. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO – ENDIPE, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 412-433.
- CALLAI, H. C. A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. *In:* MORAES, E. M. B.; MORAES, L. B. **Formação de professores**: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia. Goiânia: NEPEC, 2010. p. 15-37.
- CAVALCANTI, L. S. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. *In:* _____. (org.). **Formação de professores**: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: Vieira, 2006. p. 27-49.
- CAVALCANTI, L. S. Geografia escolar: reflexões sobre conhecimentos articulados na teoria e na prática docentes. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO – ENDIPE, 16., Campinas. **Anais** [...]. Campinas: UNICAMP, 2012. Campinas, 2012.
- CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: passado e futuro: uma introdução. *In:* ROSENDALH, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 49-58.
- CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural**. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2009.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDALH, Z. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, [S.I.], v. 4, n. 273-88, 2008.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDALH, Z. A geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, [S.I.], v. 2, n. 2, p. 97–102, 2005.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução a Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 9-18.

COSGROVE, D. E. Em Direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução a Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 103-134.

COSGROVE, D. E. Geografia Cultural do Milênio. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.17-46.

COSGROVE, D. E. Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Geografia Cultural**: um século. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000. p. 33-60.

COSTA, R. F. Modelos de racionalidade na formação de professores: levantamento de pesquisas na BDTD (2010-2015). In: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 38., 2017, São Luís. **Anais** [...]. São Luís: ANPED, 2017. p. 1-6.

CLAVAL, P. C. C. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (org.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012. p. 11-25.

CLAVAL, P. C. C. Geografia cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 5-24, set./dez. 2011.

CRUZ, P. S.; SILVA, M. W. A Geografia Histórica no contexto de institucionalização da Geografia Brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS – PENSAR E FAZER A GEOGRAFIA NO SÉCULO XXI, 19., 2018, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: AGB, 2018. p. 1-11.

DUNCAN, J. O Supra-Orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 63-102.

FREITAS, R. A. O ensino de Geografia, a formação docente e o papel dos professores de hoje: dilemas e conflitos. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 46, p. 1-3, dez. 2021.

GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. p. 13-41.

LÉFÈBvre, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2006.

LÉVY, J. Qual o sentido da Geografia Cultural? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 61, p. 19-38, ago. 2015.

MACHADO, M. S. A Implantação da Geografia Universitária no Rio de Janeiro. **GEOgraphia**, Niterói, v. 2, n. 3, p. 123-140, set. 2000.

MARCELINO, A. R.; VOLPATO, G. Formação do professor de geografia: um olhar para o pensamento geográfico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 79, p. 87-103, ago. 2021.

MARQUES NETO, R. Contribuição dos geógrafos franceses para o desenvolvimento da Geografia Física Brasileira na primeira metade do século vinte: Emmanuel de Martonne e as superfícies de erosão. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2012.

MARTINS, R. L. **Geografia Humana e Econômica**. Curitiba: IESDE Brasil, 2010.

MATTELART, A; NEVEU, E. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. (org.). **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 159-188.

MIKESELL, M. Posfácio: novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem. In: CORRÊA, R. L.; ROENDAHL, Z. (org.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. p. 85-109.

MONDADA, L.; SODERSTROM, O. Do Texto à Interação: Percurso Através da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L; ROENDAHL, Z. (org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 133-156.

MOREIRA, A. F. B. Currículo, cultura e formação de professores. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 17, n. 17, p. 39-52, 2001.

MOURA, J. A.; PEREIRA, C. M. R. B. **As temáticas culturais no ensino de geografia**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ONLINE DE ESTUDOS SOBRE CULTURAS, 2., 2020, Foz do Iguaçu. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu: CLAEC, 2020.

OLIVEIRA, L. Sentidos de lugar e de topofilia. **Geograficidade**, Niterói, v. 3., n. 2, p. 91-93, 2013.

OLIVEIRA, S. C. L; SILVA, G. S. A importância da abordagem cultural na geografia: uma perspectiva de aplicação. In: ENCONTRO DE GEOGRAFIA – A GEOGRAFIA E SUAS VERTENTES: REFLEXÕES, 2.; SEMANA DE CIÊNCIAS HUMANAS, 6., 2009, Campus dos Goytacazes. **Anais** [...]. Campus dos Goytacazes: Instituto Federal Fluminense, 2009. p. 1-8.

PEREIRA, V. R. **O Conhecimento Pedagógico do Conteúdo (CPC) campo e cidade**: um estudo da formação e prática do professor de Geografia. 2020. 259 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

PIMENTA, S. G. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2002.

PONTUSCHKA, N. N. A formação inicial do professor: debates. *In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 15., 2010, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 457-469.

SAMPAIO, A. V. O.; OLIVEIRA, L. A.; SANTOS, M. F. Ensino e aprendizagem de Geografia: formação e práticas docentes. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 59, p. 360-376, jul./set. 2020.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. *In: CORRÊA, R. L; ROSENDahl, Z. (org.). Introdução a Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 19-26.

SILVA, M. A. S. **Geografia Cultural**: caminhos e perspectivas. Curitiba: Intersaber, 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Centro de Ciências Humanas e Letras. **Processo de autorização para o funcionamento dos Cursos de Licenciatura Plena em História e Geografia** – Campus de Teresina – 1994. Teresina: CCHL/UESPI, 1993.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Coordenação de Geografia. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Geografia**. Teresina: CCHL/UESPI, 2004.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Coordenação de Geografia. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Geografia**. Teresina: CCHL/UESPI, 2013.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Coordenação de Geografia. **Proposta Curricular Licenciatura Plena em Geografia**. Teresina: CCHL/UESPI, 1999.

VEIGA, I. P. A; AMARAL, A. L. (org.). **Formação de professores**: políticas e debates. São Paulo: Papirus, 2002.

VIEIRA, F. S.; ALVES, F. D. Trajetória teórico-metodológica da Geografia Cultural. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 41, e52005, p. 1-17, 2022.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da Geografia Cultural. *In: CORRÊA, R. L.; ROSENDahl, Z. (org.) Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 27-61.

ZANATTA, B. A. A abordagem cultural na Geografia. **Revista Temporis[ação]**, Cidade de Goiás, v. 9, n. 1, p. 224–235, 2017.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS “POETA TORQUATO NETO”
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA CURSO DE LICENCIATURA
PESQUISA: A GEOGRAFIA CULTURAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA DO CAMPUS “POETA TORQUATO NETO” DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI), TERESINA, PIAUÍ
ALUNA: Sarah Roberta Santana de Lavor
ORIENTADORA: Profª. Dra. Elisabeth Mary de Carvalho Baptista

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DO CURSO DE **LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Prezado (a) professor (a), sou aluna do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e espero contar com seu apoio quanto a participar de minha pesquisa, que tem por objetivo compreender a importância da disciplina de Geografia Cultural para o currículo do curso e para a formação de licenciado em Geografia., visando a realização de trabalho para conclusão do curso. Informo que sua privacidade será respeitada e nenhum dado pessoal será publicizado.

Antecipadamente, agradeço sua valiosa colaboração.

Data da entrevista: _____ / _____ / _____

1. Qual sua formação acadêmica? (acrescente tempo de formação e de atuação, IES e modalidade de curso e pós-graduação também).
2. Em sua formação inicial (graduação) ou continuada (pós-graduação), fez algum estudo sobre Geografia Cultural? Se sim, pode falar a respeito?
3. Em sua opinião, qual a importância da Geografia Cultural na formação do professor de Geografia e para sua própria formação?
4. Debate sobre conteúdos da Geografia Cultural ao ministrar aulas na graduação?
 Sim
 Não
 Se sim, quais assuntos são mais recorrentes?
5. O Curso de Licenciatura em Geografia da UESPI prepara os estudantes no que se refere a conteúdos que envolvam a Geografia Cultural?
6. O Projeto Pedagógico do Curso de Geografia visa ou contribui para a inserção do ensino da Geografia Cultural através de alguma disciplina específica no currículo do curso?
7. O que pensa sobre a criação da disciplina Geografia Cultural no Curso de Licenciatura em Geografia da UESPI?
8. O que gostaria que melhorasse no Curso de Licenciatura em Geografia da UESPI?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS – GOOGLE FORMS¹

Prezado (a) estudante, sou aluna do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, e espero contar com seu apoio quanto a participar de minha pesquisa, que tem por objetivo compreender a importância da disciplina de Geografia Cultural para o currículo do curso e para a formação de licenciado em Geografia, visando a realização de trabalho para conclusão do curso. Informo que sua privacidade será respeitada e nenhum dado pessoal será publicizado.

Antecipadamente, agradeço sua valiosa colaboração.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Qual o seu bloco atual? *

() 5 bloco () 6 bloco() 7 bloco() 8 bloco

2. Você possui alguma formação antes de entrar para o Curso de Licenciatura em Geografia? *

() Sim

() Não

3. Você acha que os conteúdos da Geografia Cultural são abordados no Curso de Licenciatura em Geografia na UESPI – Torquato Neto? *

() Sim

() Não

4. Caso a resposta anterior tenha sido "sim" de que maneira estes conteúdos estão sendo abordados, na sua percepção?

5. Em sua opinião, qual a importância da Geografia Cultural na formação do professor de Geografia?

6. O que você acha da implementação da disciplina de Geografia Cultural no curso de Licenciatura Plena em Geografia na UESPI – Campus Torquato Neto? *

¹ Como o questionário foi aplicado através do formulário Google, não apresenta o cabeçalho institucional, somente o parágrafo de apresentação da pesquisa, tendo sido adaptado para o formato Word.